

**A CASA TOMBADA
FACONNECT**

JULIANA NEVES SOARES

**MITOS DAS MATRIZES AFRO-DIASPÓRICAS, AMERÍNDIAS E EUROPEIA:
POSSIBILIDADES PARA UM CORPO FEMININO SOBERANO**

SÃO PAULO

2021

JULIANA NEVES SOARES

**MITOS DAS MATRIZES AFRO-DIASPÓRICAS, AMERÍNDIAS E
EUROPEIA: POSSIBILIDADES PARA UM CORPO FEMININO SOBERANO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de pós-graduação Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano como requisito para obtenção de título de especialista.

Orientadores: Giuliano Tierno de Siqueira e Letícia Liesenfeld Erdtmann

São Paulo

2021

RESUMO

Num caminho em que o erotismo constrói a autonomia e a soberania dos corpos femininos, este trabalho chama para o diálogo mitos das matrizes afro-diaspóricas, ameríndias e europeia, que formam uma enorme parte do território cultural brasileiro. A partir de meu corpo mestiço, encontro na confluência dessas histórias possibilidades para um corpo feminino soberano, aberto para ser tocado pelas experiências de outras mulheres numa convivência de alteridade. A começar por um encontro com os mitos de Lilith, encontro em sua relação com a morte as possibilidades de transformação. O encontro com a mitologia yorubá embaralha a dicotomia cristã do sagrado e do profano, propiciando modos de desdomesticar os corpos; o que ao lado de mitos eróticos da etnia ameríndia Makurap, faz das encruzilhadas nas terras brasileiras espaços de resistência dos corpos femininos. Assim como a Pombagira Maria Padilha, em seu mito fundante, encontrou acolhimento no encontro das religiões que resistiram à dominação cristã, encontro como mestiça de pele clara, no entroncamento desses mitos, algumas possibilidades de resistir à colonização dos corpos femininos.

ABSTRACT

In a path in which eroticism builds the autonomy and sovereignty of female bodies, this work calls for dialogue myths of Afro-diasporic, Amerindian and European matrices, which form a huge part of the Brazilian cultural territory. From my mestizo body, at the confluence of these stories, I find possibilities for a sovereign female body, open to be touched by the experiences of other women in a coexistence of otherness. Starting with an encounter with the myths of Lilith, I realize in its relationship with death the possibilities of transformation. The encounter with Yoruba mythology shuffles the Christian dichotomy of the sacred and the profane, providing ways to de-domesticate bodies; what alongside the erotic myths of the ethnic Amerindian people Makurap, makes the crossroads in Brazilian fields of resistance for female bodies. Just as Pombagira Maria Padilha, in her founding myth, found hospitality in the encounter of the religions that resisted Christian domination, I encounter as a light-skinned mestizo, in the tangle of these myths, some possibilities to resist the colonization of female bodies.

À Maria, minha mãe,
à Luiza, minha irmã,
à Selva, minha amiga,
mulheres que me acompanham na invenção de mim

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mestras Leticia Liesenfeld, Luiza Christov, Sandra Lessa e Yohana Ciotti e ao mestre Giuliano Tierno, por toda troca, orientação, acolhimento e companhia durante a jornada de pesquisa. Quantas delícias vividas n'A Casa Tombada, coroadas na ressignificação tão rica da escrita acadêmica.

Agradeço à turma das águas pelo companheirismo, escuta e cuidado.

Agradeço à minha mãe de santo, Vanessa Labigalini, pela regência, por todo amor e por tanta generosidade.

Agradeço à Selva, à Carol, à Tati e ao Dani pelas leituras, pela doçura e pelas contribuições ao me ouvirem falar por tantas horas, por tanto tempo, sobre este trabalho.

Agradeço à Adelaide, amiga que me ensina a ser educadora, pelas deliciosas conversas sobre erotismo. A cada encontro, separados por longos meses de saudades, reencontro nos seus gestos o erotismo em mim.

Agradeço à Catarina Pombagira e à minha Pombagira por me ensinarem a ouvir o silêncio e a amar o sussurro de suas palavras de fio côncavo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. LA PETITE MORT	12
2.1 Lilith, O Fim de Toda Carne	14
2.2 Lilith e Alteridade	17
3. A DOMESTICAÇÃO DA SOBERANIA ERÓTICA E DA SOBERANIA DOS CORPOS NA AFIRMAÇÃO CRISTÃ DAS DUALIDADES	19
3.1 As entidades Pombagiras	19
3.2 Exu Orixá nos mitos yorubás	21
3.3 A ignorância do caráter sagrado do erotismo, domesticação dos corpos e pornografia. 22	
4. TECENDO MITOS EM MINHAS FISSURAS	27
4.1 A insubordinação	29
4.2 A condenação	30
4.3 A resistência do corpo erótico	32
4.4 A descolonização dos corpos brancos na partilha dos mitos ameríndios e afro- diaspóricos	35
4.5 Mulheres, bruxas e demônios	38
5. EROTISMO E ALTERIDADE	42
6. CONCLUSÃO	50
7. BIBLIOGRAFIA	53
8. APÊNDICE I	55
9. APÊNDICE II	67

INTRUDUÇÃO

A imaginação erótica é um dos aspectos mais sublimes¹ da humanidade. A possibilidade humana de ser despertada, incomodada, afetada pelo movimento erótico é o que nos aproxima da soberania que é prerrogativa das deusas e deuses. Entendo o erotismo como a uma via sensível para unificação de tudo aquilo que se é: mente, corpo e espírito. A mente, no desejo e na fantasia, excita o corpo. A imaginação erótica nos faz perceber o corpo em todos os seus sentidos, desanestesia e desmecaniza um corpo domesticado. Ascende o corpo aos sentidos dos deuses, os seres que em sua potência têm arbítrio sobre si mesmos. Leva nossa materialidade ao encontro com o espírito. O espírito, por sua vez, é a nossa promessa de escape da solidão do corpo individual. É a promessa de ser em conjunto, de unir-se ao todo. O encontro com o espírito é o momento de nossa jornada em que uma experiência² nos toma e nos modifica. Vivenciar o erotismo nos eleva à Lilith, a Exu, à Morrigan, a Eros e à Afrodite e a tantas outras deidades, nos fazendo reviver suas histórias. Seja qual for o panteão, existe uma entidade ou um ser soberano que nos incita o amor e os gestos de prazer.

Este trabalho procura invocar alguns mitos eróticos numa experimentação do que chamo de rito erótico. Por que experimentar as provocações desses mitos se torna um rito? Para além disso, por que esta aproximação com o erotismo através da mitologia é atraente? E por que ela se coloca necessária? Para responder essas questões é necessário antes esclarecer este conceito do erótico ao qual me refiro a partir das leituras de Georges Bataille, isso nos permite compreender o lugar da experiência erótica, conceituado sagrado por Bataille e aqui atualizado como soberania erótica e soberania do corpo, que acompanha a humanidade desde os seus rituais primórdios.

Todo erotismo é um desejo de romper a solidão de um corpo delimitado (individual, separado dos outros corpos e do meio) e descontínuo (que tem fim na morte). Bataille

¹ Refiro-me não ao conceito de sublime kantiano, mas a experiência do sublime apontada por Adorno: “O espírito se torna menos ciente diante da natureza de sua própria superioridade, como Kant gostaria, do que de sua própria naturalidade [Naturhaftigkeit]. Esse instante leva o sujeito diante do sublime a chorar. A incorporação pela natureza o libera da obstinação de sua autopoção: ‘As lágrimas joram, terra me tem novamente!’ Com isso, o eu sai, espiritualmente da prisão de si mesmo”. (ADORNO, Teoria Estética, p. 410 apud HAN, 2020, p. 65 e 66)

² Compreendo o encontro com o espírito como a experiência de Jorge Larrosa Bondía. Encontrar-se com o espírito é ser modificado pelo que lhe ocorre. “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção [...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.” (BONDÍA, 2002, p. 24)

conceitua três tipos de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. Percebemos o erotismo dos corpos no desejo de unir-se à pessoa desejada; penetrar, envolver ou devorar. No erotismo dos corações, a paixão promete ser um só coração com outro, uma vida não mais solitária, mas uma existência que ultrapassa a descontinuidade do amante para a continuidade através da existência do ser amado. O erotismo sagrado completa o que pode passar despercebido nos dois primeiros, o sagrado do erotismo transborda o desejo de continuidade para além da realidade, uma continuidade na experiência mística com o divino, com o lugar onde as fronteiras dos corpos são rompidas na experiência de ser e estar o todo. Uma continuidade que só pode existir no fim do ser, na morte, na dissolução. Compreendo esta morte ou o encontro com o divino a que Bataille se refere, como o encontro com o espírito da jornada do herói de Joseph Campbell; é o momento em que nós, no movimento de nossas vidas nos deixamos ser transpassados por uma experiência, o momento em que somos transformados por ela.

O sagrado para Bataille não é o sagrado revestido de santidade. Este conceito mais recente, que tomou forma e se fixou na língua purificando e retirando toda a negatividade, vem da inculcação cristã de seus dogmas e hábitos. Para além de toda a implicação política dessa reconceituação, socialmente e individualmente tendemos a procurar a sacralidade naquilo que elimina a complexidade e a alteridade. Para entender o sagrado em Bataille é necessário retomar o significado primeiro daquilo que é sagrado e restituir aos condenados pagãos a sacralidade que lhes é própria. O sagrado é o que se coloca soberano sobre a ordem humana instituída para o convívio social. É a soberania da perturbação da ordem que nos contém, é o caos que nos atravessa e sobre o qual nunca podemos exercer um controle absoluto. A partir deste conceito do sagrado de Georges Bataille, atualizo a palavra em duas expressões que se retroalimentam, e que acredito, fazem justiça ao incômodo apontado pelo filósofo, são elas: a soberania do erótico e soberania do corpo. A primeira como a perturbação que nos seduz e desnorreia a razão, a segunda como a insurgência do corpo contra a dominação moral que o subjugou ao controle de uma mente positivizada e fechada ao reconhecimento das alteridades. Nessas duas formas procuro manter o conceito de sagrado de Bataille, porém me distanciando da palavra que, hoje, carrega ora o fardo da santidade, ora diversas outras relações místicas e religiosas.

Chamo de rito erótico a potência desses três erotismos de Bataille, sobretudo o erotismo sagrado. É um rito porque, nos gestos eróticos que reencenamos e modificamos durante a existência humana, atualiza os mitos das deidades arquetípos do desejo e da sexualidade. Ou seja, é um rito porque na sequência dos gestos que externalizam o erotismo: os gestos da sedução, a modificação do olhar, o toque que ressignifica a novidade do estado do corpo desejado, etc., traz a possibilidade de sermos tomados para a vivência

reencarnada dos mitos. É também um rito porque exige um estado de presença e de entrega para sua realização. Exige abertura para provocação e espaço para ruptura, ocorre a partir da passividade do sujeito da experiência. É num estado de presença dos corpos, percebido na sensibilidade de todos os sentidos e de todos os membros, somado ao estado de presença da mente, também notado na percepção dos sentidos e no pensamento voltado ao ser desejado e ao próprio prazer, que o ritual erótico possibilita o encontro com o espírito, compreendido aqui como a própria experiência. Em toda manifestação erótica, desde a primeira, percebida no medo da transgressão, até a solução da tensão erótica que se desfaz no orgasmo, somos observados pela experiência. Se abandonarmos nossa mente inquieta e nos entregarmos às sensações que o erótico nos provoca, seremos modificados, morreremos e renascemos distintos do que fomos antes da perturbação erótica. Invocar os mitos eróticos e experienciar suas provocações se torna então um rito porque atualiza em nós, através de nossa capacidade de sermos afetados, as histórias das deusas e deuses. A aproximação com o erotismo através das mitologias é, por sua vez, atraente porque nos incita o desejo pela soberania dos nossos corpos, soberania que é própria das deidades, que não respondem à ordem racional da humanidade.

Esta aproximação é necessária porque a vivência, a atualização dos mitos, é uma experiência subversiva, capaz de retirar o ser do tempo profano do trabalho, da couraça de utilidade e produtividade e da couraça da moralidade de um sistema capitalista e cristão construído na cisão do corpo, do espírito e da mente. Uma retirada que acontece num espaço de tempo da transgressão do interdito, que permite a expansão do entendimento daquilo que se é em inteireza através da vivência unificada do corpo, da mente e do espírito.

Parto de uma percepção de que o autoconhecimento da sexualidade como desejos e práticas, que é impulsionado pela imaginação erótica e pelo abandonar-se sem amarras na experiência erótica, conduz a uma subversão dos princípios que regem o tempo do trabalho, nossa relação neurótica moral e capitalista com o outro e com nós mesmos. Perceber o erotismo e a sexualidade como um ponto central da unidade espiritual, corporal e psicológica seria, assim, um ato revolucionário.

No primeiro capítulo deste trabalho, LA PETITE MORT, apresento a aproximação de Lilith com a morte. A morte como experiência de transformação é o encontro imprevisível e inevitável com a força sedutora que percebemos na potência erótica dos corpos. O caos do rito erótico nos arrebatava e, quando nos devolve à ordem estabelecida socialmente, nos entrega modificados. Assim, a experiência do rito erótico é uma experiência de alteridade.

No segundo capítulo, A DOMESTICAÇÃO DA SOBERANIA ERÓTICA E DA SOBERANIA DOS CORPOS NA AFIRMAÇÃO CRISTÃ DAS DUALIDADES, busco

aproximar o corpo erótico feminino brasileiro na simbologia das Pombagiras de Lilith. Num intento contra o cerceamento dos nossos corpos e dos nossos modos de ser e estar no mundo, as Pombagiras se revestem da filosofia yorubá e das histórias mitológicas de Exu orixá, herança de povos retirados de África, para retomarem a soberania dos corpos femininos. Discorro também sobre a condenação de Lilith e das Pombagiras, ou seja, a condenação do próprio erotismo ao mal, processo sucedido pela pornografia, que expõe os corpos e naturaliza modos de dominação, eliminando a possibilidade de alteridade.

No terceiro capítulo, **TECENDO OS MITOS EM MINHAS FISSURAS**, Lilith e Pombagira se encontram com as mulheres indígenas que hoje fazem parte do Estado brasileiro. A partir da forma como esses mitos e histórias me tocam, trago nestas provocações em que um mito chama a continuidade de outro, Lilith, Pombagira e indígenas, que se encontram nas encruzilhadas do Novo Mundo para celebração na resistência.

No quarto e último capítulo, **EROTISMO E ALTERIDADE**, acentuo a encruzilhada como lugar de encontro e contato com o outro, uma relação erótica que possibilita a construção de novos caminhos a partir dos saberes heterogêneos das culturas matrizes de uma cultura brasileira.

No Apêndice I, **A SOBERANIA ERÓTICA É ANTAGÔNICA AO SADISMO SOCIAL**, trato dos discursos que ditam uma moral sexual e jogam psicologicamente com o medo das massas diante do erotismo, ratificando, assim, uma violência que busca dominar e subjugar sobretudo os corpos femininos. Defendo, a partir do conceito de psicologia das massas de Wilhelm Reich, que a profanação do erótico desencadeia um sadismo social que se alimenta e se beneficia dos corpos femininos econômica e biologicamente.

No Apêndice II, **DO RITO DA APRESENTAÇÃO**, trago um pouco das contribuições e provocações ofertadas a mim na apresentação deste trabalho. Imagens que seguem me provocando na construção de possibilidades de encontro do outro como experiência.

2. LA PETITE MORT³

XIX

*Se eu soubesse
Teu nome verdadeiro*

*Te tomaria
Úmida, t nue*

E então descansarias.

*Se sussurrares
Teu nome secreto
Nos meus caminhos
Entre a vida e o sono,*

*Te prometo, morte,
A vida de um poeta. A minha:
Palavras vivas, fogo, fonte.*

*Se me tocares,
Amant ssima, branda
Como fui tocada pelos homens*

*Ao invés de Morte
Te chamo Poesia
Fogo, Fonte, Palavra viva
Sorte.*

*(Hilda Hilst.
Da Morte. Odes Mínimas)*

Há séculos a literatura denuncia que o movimento do erotismo levado ao extremo   a morte. Seja na soberania dos personagens de Sade, seja na agonia de Catherine ao adoecer e morrer por Heathcliff que Emily Bront  narra em *Wuthering Heights*, ou ainda, há mil nios, na máxima bíblica de que o salário do pecado   a morte, a morte após deixar-se seduzir pelo fruto proibido. O erotismo   nosso fascínio ainda infantil do desejo de ir mais além, movido pelo próprio medo, desligando-se de qualquer economia para se gastar ou se consumir na realiza o de uma fantasia.   deixar-se consumir, contrariando a razão da economia do mundo humano que se caracteriza pela realiza o do trabalho, a economia de energia e de recursos para o prolongamento da vida enquanto útil.

Nestas literaturas, o movimento extremo do erotismo   a morte biológica, mas antes deste extremo, quantas mortes podemos experimentar? O desfalecimento do orgasmo, a morte enquanto transforma o, morte e nascimento de outro aspecto do ser, a morte do egoísmo para a jun o com o outro e a morte da experiência mística e/ou do encontro com

³ A pequena morte; expressão francesa que se refere ao momento que sucede o orgasmo.

o espírito enquanto experiência são alguns exemplos. A morte e o erotismo desnudam os movimentos irracionais da natureza que celebra o dispêndio de energia, seja no prazer, seja na destruição, ou na aproximação de ambos, contrariando o seu próprio desejo de prolongar-se. Não coincidentemente, Lilith, Morrigan e Freya são algumas das deusas que governam ao mesmo tempo a luxúria e a morte.

Figura 1 – Bernini e o Êxtase de Santa Teresa⁴, 1647-1652



Fonte: Wikipedia. Em: Santa Maria della Vittoria. Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Maria_della_Vittoria#/media/Ficheiro:Bernini_-_Santa_Teresa_em_extase.jpg>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021

⁴ Escultura de Gian Lorenzo Bernini na Igreja de Santa Maria della Vittoria em Roma. A seguir, a passagem de Santa Teresa que inspirou a obra: “Eu vi então que ele tinha uma longa lança de ouro, cuja ponta parecia de fogo e senti como se ele a enterrasse várias vezes em meu coração, transpassando-a até minhas entranhas! Quando a retirava, parecia também arrancá-las, e me deixava esbraseada do grande amor de Deus. A dor era tão grande que me fazia gemer e, no entanto, a doçura dessa dor excessiva era tal que eu não podia querer livrar-me dela... A dor não é corporal, mas espiritual, se bem que o corpo tenha sua parte e mesmo uma larga parte. É uma carícia de amor tão doce que acontece então entre a alma e Deus que eu peço a Ele, em sua bondade, que a faça sentir aquele que pensa que estou mentindo” (BATAILLE, 1987, p. 210).

2.1 Lilith, O Fim de Toda Carne

Lilith permite ser revelada nas mitologias suméria, babilônica, assíria, cananeia, persa, árabe e teutônica. Desde o terceiro milênio antes da era cristã, as suas emanações foram se materializando na palavra e na literatura, nos amuletos de proteção e nas artes. Em *The Hebrew Goddess*, Raphael Patai salienta a grande expressão da deusa tanto na crença popular quanto nos escritos dos sábios no Talmud babilônico nos séculos VI e VII. Escavações revelaram vasos com inscrições de textos mágicos para proteção contra Lilith, que datam de 600 anos depois de Cristo, encontrados na antiga cidade suméria de Nippur, são artefatos mágicos que protegiam as casas e seus moradores da natureza destruidora e malévola de Lilith, por vezes referida como demônio, por outras, como anjo. O Talmud, por sua vez, foi compilado cerca de 500 anos depois de Cristo.

"From a synopsis of the incantation texts it appears that Lilith was regarded as the ghostly paramour of men and constituted a special danger for women during many periods of their sexual life cycle: before defloration, during menstruation, etc."⁵ (PATAI, 1990, p.225). Desta afirmação é interessante ressaltar o espectro de Lilith nestes momentos: o erótico na sedução dos homens e os momentos femininos em que o sangue, na sua simbologia da violência, sobressai à imagem. A força de Lilith cresce nas passagens da vida humana em que os tabus escancaram a violência natural que nos assombra. A violência que destrói, ainda que temporariamente, a ordem tranquila necessária para a o trabalho e para a permanência da vida. A menarca, o sangue menstrual empurrado pelas contrações uterinas e suas consequentes cólicas, o sangue do rompimento do hímen e o sangue do parto marcam simbolicamente estes momentos em que as mulheres são tomadas do curso econômico e pacato da vida. A violência do sangue indica uma transformação profunda no modo feminino de estar no mundo. Ainda que o sangue se aparte da vista, a mulher já é um outro ser. A perturbação é, portanto, aquilo que nos suspende ou nos retira da ordem enrijecida e neste distanciamento abre possibilidades de estar no mundo de forma renovada. Perceber a perturbação como este momento de suspensão do curso econômico e produtivo da vida e, por consequência, de novas possibilidades para um ser de *estar no mundo*, nos permite perceber a perturbação como encruzilhada de alternativas e não como infelicidade.

Lilith é a deusa que está no espaço temporal da transgressão dos interditos, ela é uma perturbação, a própria soberania erótica. Bataille observa que a humanidade garantiu

⁵ A partir de uma sinopse dos textos de encantamento, afigura-se que Lilith era considerada a amante fantasmagórica dos homens e constituía um perigo especial para as mulheres durante muitos períodos de seus ciclos de vida sexual: antes da defloração, durante a menstruação, etc. (tradução minha)

sua permanência pelo trabalho e pelas interdições das violências capazes de perturbar esta ordem. Os interditos estão nos tabus relativos à morte e à reprodução, são por isso profanos, relativos à economia, ao trabalho e à criação humana. As restrições dos interditos variam conforme o espaço e o tempo, mas demonstram que, seja de forma mais ou menos arbitrária, o sentido enraizado e duradouro do interdito permanece nas várias formas de sociedade.

Podemos dizer somente que, em oposição ao trabalho, a atividade sexual é uma violência que, enquanto impulso imediato, poderia perturbar o trabalho: uma coletividade laboriosa, no momento do trabalho, não pode ficar a sua mercê. Somos pois levados a pensar que, desde a origem, a liberdade sexual teve de ser limitada pelo que se pode chamar de interdito, sem, no entanto, nada podermos dizer dos casos em que ela se aplicava. Quando muito, podemos acreditar que, inicialmente, o tempo do trabalho determinou esse limite. A única razão verdadeira que temos para admitir a existência muito antiga de um tal interdito é o fato de que em todos os tempos e em todos os lugares, na medida em que vamos obtendo informações, o homem é definido por uma conduta sexual subordinada a regras, a restrições definidas: o homem é um animal que permanece “interdito” diante da morte e da união sexual. Ele não o é inteiramente, mas num e noutro caso sua reação difere da dos outros animais [...] O que dever ser abordado no momento é a totalidade das interdições religiosas de todos os tempos, em todos os lugares [...] quer se trate de sexualidade ou da morte, o que é sempre visado é a violência, a violência que assusta e fascina⁶. (BATAILLE, 1987, p.47 e 48)

É possível, assim, a partir desta visão dos interditos, reconhecer o arquétipo de Lilith como a própria violência desestabilizadora da ordem. Quando compreendida como demônio, a *succuba*, é ao mesmo tempo desejável e perigosa. Ela visita os homens e as mulheres em seus sonhos, os faz ejacular e gera seus filhos. Em um de seus mitos encontrado no Zohar, Lilith é desvelada em toda a sua potência erótica na sedução que tem como fim último a morte:

She adorns herself with many ornaments like a despicable harlot, and takes up her position at the crossroads to seduce the sons of man. When a fool approaches her, she grabs him, kisses him, and pour him wine of dregs of viper's gall. As soon as he drinks it, he goes astray after her. When she sees that he has gone astray after her from the path of truth, she divests herself of all ornaments which put on her for that fool. Her ornaments for the seduction of the sons of man are: her hair is long and red like the rose, her cheeks are white and red, from her ears hang six ornaments, Egyptian cords and al the ornaments of the Land of the East hang from her nape. Her mouth is set like a narrow door, comely in its decor; her tongue is sharp like a sword, her

⁶ Compreende-se aqui a palavra “homem” desta tradução como todos os seres humanos, sem a distinção de gênero e sem a distinção etária, uma vez que a inculcação dos hábitos modernos que definem a moral dominante é parte de todo o processo arbitrário da educação das crianças e se prolonga por toda a vida adulta numa separação, também arbitrária, entre o que é considerado saudável e o que é patológico.

words are smooth like oil, her lips red like a rose and sweetened by all the sweetness of the world. She is dressed in scarlet, and adorned with forty ornaments less one. Yon fool goes astray after her and drinks from the cup of wine and commits with her fornication and strays after her. What does she thereupon do? She leaves him asleep on the couch, flies up to heaven, denounces him, takes her leave, and descends. That fool awakens and deems he can make sport with her as before, but she removes her ornaments and turns into a menacing figure. She stands before him clothed in garments of flaming fire, inspiring terror and making body and soul tremble, full of frightening eyes, in her hand a drawn sword dripping bitter drops. And she kills that fool and casts him into Gehenna.⁷ (Zohar I 148a-b Sitre Torah, apud PATAI, 1990, p. 233 e 234)

Lilith é a beleza e a sedução que embriagam a razão masculina e levam os homens à morte. Ela também está no quarto quando os casais gozam, estendendo o espectro do tabu da reprodução ao ato permitido no enlace do matrimônio. Por este motivo, os homens e as mulheres devem cuidar para mantê-la longe de suas casas (PATAI, 1990). Nos ritos de passagem femininos, na menstruação, na defloração, no parto; onde há a violência do sangue, a força da deusa se expande. Lilith é a deusa da transgressão dos interditos. Nos momentos de suspensão dessas leis, no momento do arrebatamento das mulheres e dos homens à festa do dispêndio da energia, no grito das bacantes, nas orgias dos sabás, no sacrifício e na pequena morte do orgasmo, é a emanção de Lilith que toca os seres e os envolve na experiência da soberania erótica. Lilith é a soberania erótica e a soberania do corpo acima das leis profanas.

Figura 2 – O pecado original e a expulsão do Paraíso, Teto da Capela Sistina de Michelangelo, 1508-1512.

Eva, abaixo de Adão, numa posição de submissão em relação ao homem e ao mesmo tempo cheia de ardis em sua ligação com Lilith, metade mulher, metade serpente.

⁷ Ela se adorna com muitos ornamentos como uma meretriz desprezível e assume sua posição na encruzilhada para seduzir os filhos dos homens. Quando um tolo se aproxima dela, ela o agarra, o beija e serve vinho com resíduos de fel de víbora. Assim que ele bebe, ele se desvia atrás dela. Quando ela vê que ele se desviou do caminho da verdade para ela, ela se despoja de todos os ornamentos que foram colocados nela para aquele tolo. Seus ornamentos para a sedução dos filhos do homem são: seu cabelo é longo e vermelho como a rosa, suas bochechas são brancas e vermelhas, de suas orelhas pendem seis ornamentos, cordas egípcias e todos os ornamentos da Terra do Oriente estão pendurados sua nuca. Sua boca é como uma porta estreita, atraente em sua decoração; sua língua é afiada como uma espada, suas palavras são suaves como óleo, seus lábios são vermelhos como uma rosa e adoçados por toda a doçura do mundo. Ela está vestida de escarlate e adornada com quarenta ornamentos menos um. O tolo se perde atrás dela e bebe do copo de vinho e se compromete com sua fornicção e se perde atrás dela. O que ela faz então? Ela o deixa dormindo no sofá, voa para o céu, denuncia-o, despede-se e desce. Aquele idiota acorda e pensa que pode brincar com ela como antes, mas ela tira seus enfeites e se torna uma figura ameaçadora. Ela está diante dele vestida com vestes de fogo flamejante, inspirando terror e fazendo corpo e alma tremerem, cheia de olhos assustadores, em sua mão uma espada desembainhada gotejando gotas amargas. E ela mata aquele idiota e o joga na Gehenna. (Tradução minha)



Fonte: Michelangelo, Public domain, através da Wikimedia Commons. Disponível em < https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Temptation_and_Expulsion.png > Acesso em 21 de fevereiro de 2021

Em seus mitos e histórias de tradição oral, descobrimos que ela é também a matriarca da legião de demônios que provocam a humanidade ao despertar o erotismo e os corpos. É a mãe do próprio caos. Seus filhos rodopiam e giram na Terra, morada dos homens, provocam os vendavais que desorientam a mente e ancoram o corpo em sua materialidade e fragilidade. Uma fragilidade que nos recorda de nossa própria porosidade, da nossa suscetibilidade de sermos tomados, atingidos, tombados pelo caos que a ordem humana, por mais que se esforce, nunca será capaz de abafar. Lilith nos seduz para as tantas mortes que são inevitáveis mesmo diante de uma obsessão econômica pelo prolongamento, pela produtividade e pela acumulação.

É injusto, todavia, compreender a morte de Lilith à luz do pecado cristão. O conceito vindo do cristianismo nos permite elucidar a aproximação do erotismo com a morte, mas subverte a soberania erótica e a soberania do corpo ao exilá-las para o domínio do mal. Ainda que os deuses antigos sejam condenados ao inferno, onde os pecadores serão consumidos pelo fogo do castigo do deus monoteísta cristão, os mitos politeístas cantam a sacralidade dos deuses do amor e do sexo.

2.2 Lilith e Alteridade

Como Lilith, em sua aproximação com a morte e com o erotismo, nos aproxima também da alteridade? Os mitos de Lilith nos possibilitam este movimento quando diante de

seus ritos, ou seja, diante das perturbações da soberania erótica e da soberania do corpo, nos colocamos como seres passivos. Encontrar a morte é estar em total passividade. É não poder dominar, não poder apropriar. É estar diante do segredo, do mistério, e ali permanecer sem retirar a vista ou fugir pelos pensamentos. Quando a experiência da morte nos transpassa e nos encontramos sem o poder de dominação sobre os outros seres e sobre o espaço, o rito erótico se torna possível. É somente quando desprovidos de todo poder de imposição, controle e dominação, que podemos ser em alteridade.

Sobre a obra de Canetti, Beyung-Chul Han em seu livro *Morte e Alteridade* traz o seguinte trecho:

O poder promete uma identidade indestrutível, que se afirma ao digerir o outro. Ele cobiça uma interioridade absoluta, na qual não ocorre nenhuma afecção estranha, nenhum contato. Ele trabalha no absoluto para-si, que não se submete a nenhum efeito alheio. Se a morte é percebida como o *inteiramente outro*, então o poder trabalha, em última instância, contra a morte. O desejo por mais poder, que proíbe a si e ao mundo toda transformação, representa aquela recusa a morrer [...] Canetti sabe que o desejo pela identidade indestrutível endireita a alma em si mesma múltipla, que, a partir desse desejo, *nos simplificamos* [ver-*einfacht*] “em mortos”. Canetti quer permitir rupturas e rasgos, a fim de escapar ao enrijecimento e à mutilação [...] “Quero me quebrar até ser inteiro”. (HAN, 2020, p. 355 e 356)

Os mitos eróticos de Lilith, em sua aproximação com a morte, provocam a nossa porosidade. Assim, para além da sexualidade, a potência erótica de Lilith é revelada em nossas relações com todos os pares. Na nossa capacidade de sermos passivos diante da própria morte, de revelar nossas fissuras e de sermos tornados pedaços; nesta possibilidade podemos ser quebrados até sermos inteiros. Rompemos, assim, a condição individual e descontínua. Afetados, somos contínuos com os pares.

3. A DOMESTICAÇÃO DA SOBERANIA ERÓTICA E DA SOBERANIA DOS CORPOS NA AFIRMAÇÃO CRISTÃ DAS DUALIDADES

*Umbanda, a sua rainha chegou
Umbanda, mais uma estrela brilhou*

*Ô salve, salve a Pombagira
Que veio da encruzilhada
Para alegrar nossa gira!
Ô salve seu ponteiro de aço
Salve a sua tesoura,
Que corta todo embaraço!
(Ponto de Pombagira)*

A umbanda, religião brasileira organizada na herança de matriz africana do culto aos orixás yorubás e bantos e na junção das entidades, arquétipos das resistências de uma terra colonizada, nos ajuda a compreender a forma não dualista das religiões politeístas. Nossa proximidade, ainda que superficial, com as deidades trazidas nos navios negreiros e a posterior concepção cristã, em especial a concepção demonizadora do orixá Exu e das entidades Exus e Pombagiras, são um caminho cultural mais próximo para a compreensão do que Bataille designa sagrado maldito, neste trabalho as soberanias erótica e dos corpos, que é aquele condenado ao mal e ao profano pelo cristianismo.

3.1 As entidades Pombagiras

As experiências provocadas pelas entidades Exus e Pombagiras, trabalham numa força de desvelamento das sombras, no sentido de trazer à tona aquilo que é escondido. Trabalham aquilo que há de mais corpóreo, animalesco, relativo à proximidade humana com uma natureza instintiva e fiel ao desejo. As entidades trazem, da experiência das religiões afro-brasileiras, a dissolução das dicotomias do sagrado e do profano e do corpo e do espírito. O encontro com a Pombagira, seja ela entendida como entidade ou como arquétipo, é a percepção do próprio corpo em um estado orgástico, não só do clímax do sexo, mas do clímax de presenciar a si próprio. São experiências de desejo da vida, desejo de si e de desejo de fundir-se com a outra, com o outro. É o encontro que propicia no fogo a capacidade singular e individual de transmutação de amarras e opressões, entendendo-se narradora ou narrador da própria história, potência e regência do próprio corpo. Não a regência como controle e governo limitador do corpo, menos ainda como descontrole, como muitas vezes as entidades são lidas numa percepção limitada e preconceituosa de um povo que se dividiu em partes de um ser. Sobre esses “corpos que giram livremente sem perder o prumo”, Luiz Antonio Simas afirma:

Nosso racismo epistêmico, que muitas vezes se manifesta em curiosa simpatia pela “macumba”, no fundo não reconhece esses saberes como

sofisticados e libertadores, mas apenas como peculiares e folclorizantes. Bombogira, pombagira, sabe exatamente o que faz com o corpo: tudo aquilo que quiser fazer. Nós, que na maioria das vezes somos ensinados a ver o corpo como o signo do pecado, é que não temos a mais vaga ideia sobre como lidar com ele. As pombagiras gargalham para as nossas limitações, enquanto dançam na rua. (SIMAS, 2019)

Exatamente por isso, as entidades nos ensinam a olhar para a sombras. Nenhum segredo se esconde das Pombagiras ou dos Exus. Nenhum desejo permanece encoberto. O erotismo, a vontade de transgredir uma norma, as contradições que são lidas como pecado ou atentados contra a moral social, que percebe o corpo e a sexualidade como pecados, são revelados na pulsão de vida despertada por essas entidades. No encontro com as Pombagiras, a dança feminina atravessa o corpo, toda cicatriz é exposta diante do fogo e este último possibilita a cauterização. As Pombagiras incitam a soberania dos corpos femininos, conduzem esses corpos ao caos que é o próprio desejo e fazem com que eles pulsem no ritmo do caos. As mulheres envolvidas pelos giros das Pombagiras experimentam a liberdade que elas cantam. Uma liberdade como desencarceramento dos corpos para fora de uma moral que é pequena demais para conter toda a dimensão de nossos corpos femininos, e também uma libertação dos abusos e dos assédios que aprendemos a suportar caladas. Quando as Pombagiras gritam e gargalham, elas abrem espaço para que as vozes e as histórias das mulheres silenciadas encontrem eco e se fortaleçam mutuamente. As gargalhadas interrompem o processo de domesticação.

Em suas posturas e em suas falas firmes, provocam os homens a olharem para a força de tudo o que definimos como feminino. Embaralham os conceitos relativos ao feminino construídos pejorativamente. Jogam com a incapacidade masculina de reconhecer como preconceituosos seus olhares estigmatizantes. E possibilitam, nesse jogo de sedução e de afirmação, uma mudança no comportamento masculino que tende a objetificar a mulher como propriedade. Comportamento que é herança de um pensamento colonizador. Uma Pombagira não será conquistada, domesticada ou domada. E as mulheres que se deixam tombar pelas experiências que as Pombagiras movimentam em suas saias também não o serão.

As Pombagiras são entidades femininas que continuam resistindo a um moralismo machista. Até mesmo nos terreiros, nas diversas práticas de umbanda, é possível que resistam à certas formas de domesticação e de cerceamento de seus corpos. As religiões podem ser ferramentas de luta e resistência contra as violências simbólicas que sofremos, mas ainda estão inseridas em uma classificação da cultura dominante do que é virtuoso ou vulgar e, por esta razão, não estão livres de atitudes machistas, homofóbicas e transfóbicas.

As Pombagiras resistem às formas machistas de limitação de seu erotismo. Seja com mais ou menos liberdade a elas dispensada, elas intentam contra o julgamento dos corpos e, nesta luta, alimentam o fogo do erotismo que é a resistência das mulheres de carne, cis ou trans, pudicas ou não.

3.2 Exu Orixá nos mitos yorubás

As Pombagiras são entidades que se manifestam nas religiões brasileiras nascidas da aproximação das religiões de matrizes afro-diaspóricas, ameríndias e lusitana, como a Umbanda. Se relacionam profundamente com Exu Orixá, deidade do panteão yorubá. Como herança da filosofia yorubá, na concepção umbandista da criação não existe uma separação do homem e do Criador pelo pecado. A humanidade não necessita de uma redenção para a comunicação e proximidade com o divino ou sagrado. A comunicação com o sagrado acontece através do orixá Exu, a quem estão ligadas as entidades Exus e Pombagiras. Exu orixá é o mensageiro que rege a interlocução entre os orixás e os humanos e entre os próprios orixás. Exu é aquele que está nas encruzilhadas, lugar sagrado que é a ponte entre o *Ayé*, nosso plano material ou a Terra, e o *Orum*, que é o plano onde estão as divindades e os nossos ancestrais. Por isso, é ele quem leva nossas oferendas aos deuses, ou seja, Exu é aquele que possibilita nosso contato com o sagrado.

Exu é a força que movimenta a vida, seu contrário é a estagnação, apatia e inanição. Pode ser compreendido em paralelo às deidades pregadoras de peças de outros panteões. O movimento de Exu não é universalizante, mas um movimento que escancara as diferenças e exige a convivência em meio à discordância. Ou seja, seu movimento é provocativo, assim como as manifestações de Lilith, e perturba os seres nas relações de suas alteridades.

Um longo poema da criação diz que, certa feita, Exu foi desafiado a escolher, entre duas cabaças, qual levaria ao mercado. Uma continha o bem, a outra continha o mal. Uma era remédio, a outra era veneno. Uma era corpo, a outra era espírito. Uma era o que se vê, a outra era o que não se enxerga. Uma era palavra, a outra era o que nunca será dito.

Exu pediu uma terceira cabaça. Abriu as três e misturou o pó das duas primeiras na terceira. Balançou bem. Desde este dia, remédio pode ser veneno e veneno pode curar, o bem pode ser o mal, a alma pode ser o corpo, o visível pode ser o invisível e o que não se vê pode ser presença. O dito pode não dizer e o silêncio pode fazer discursos vigorosos. A terceira cabaça é a do inesperado: nela mora a cultura. (SIMAS, 2019, p. 105 e 106)

Exu não uniformiza a experiência humana em suas intervenções, ele faz emergir as ambiguidades, ele traz na sua força manifesta na natureza todos os contrários e desafia o binarismo da nossa sociedade. O seu *Ogó*, um porrete em formato fálico, foi e é uma afronta

ao cristianismo que condenou a sexualidade ao pecado e escondeu a carne como o próprio símbolo da natureza pecaminosa da humanidade. Mas Exu é o orixá gerador, é a força motriz da reprodução dos seres e do conhecimento. É a divindade mensageira e instrutora. A incompreensão dualista de uma cultura cristã não pode entender, senão como ameaça, a dimensão simbólica do *ogó*.

Figura 3 – Exu Amuniwa – Orisa Exu com sua cabeça⁸



Fonte: A tarde, 2014. Disponível em <

<https://atarde.uol.com.br/cultura/literatura/noticias/1636803-exu-um-principio-dinamico>> Acesso em 01 de março de 2021

3.3 A ignorância do caráter sagrado do erotismo, domesticação dos corpos e pornografia

⁸ “O *Adôniran*, a cabaça que ele apoia em uma das mãos, faz alusão a seu poder de propagação. Na outra mão, Exu carrega uma lança conhecida por *Oko*, que é um símbolo fálico. A longa trança que pende sob as costas de *Exu* também faz referência fálica, reforçando o poder de propagação do orixá. A argila vermelha da escultura é pintada de preto pelo artista para associar sua escultura ao domínio dos mistérios do âmago da Terra.” (Museu Afro Brasil, Mestre Didi: Homenagem aos 90 anos. Deoscoredes Maximiliano dos Santos, o escultor do sagrado. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2009. Catálogo de exposição)

A pergunta que se coloca aqui é: como a dualidade cristã domesticou os corpos ao marginalizar as cosmogonias que carregam a ambiguidade? De acordo com Bataille, nas religiões ditas pagãs o ritual sagrado era a organização da transgressão que rompia a ordem profana e suspendia temporariamente o interdito. O sacrifício transgredia o interdito do assassinio; a orgia das festas dionisíacas e a orgia dos sabás, por exemplo, transgrediam o interdito relativo à reprodução. Ao fim do ritual, o interdito permanecia inalterado. Na suspensão do interdito se abria o espaço sagrado no qual era possível romper a barreira do corpo descontínuo para alçar a continuidade percebida na violência como a perturbação da ordem profana.

Ainda segundo Bataille, o cristianismo, na dualidade entre bem e mal, substituiu o caminho que leva ao sagrado através da violência da transgressão por um caminho positivizado através do amor e da submissão. Ao eliminar a negatividade, o cristianismo elimina também a fusão que se busca no sagrado. Ou seja, se o rompimento da descontinuidade acontece pelas frestas que nos permitem sermos tomados pela alteridade dos outros – experiências relacionadas a Exu Orixá, a Exus entidades, às Pombagiras e à Lilith -, no cristianismo isso é impossibilitado por uma uniformização e docilização dos seres. As almas herdaram a descontinuidade dos corpos numa eterna descontinuidade das almas separadas, que é o Paraíso cristão. As almas são divididas em salvas e condenadas; as divindades, em anjos e demônios. O rito erótico dos deuses arquetípos das transgressões foi assim condenado ao profano. O sagrado passou a conter somente o que tinha caráter de santidade. A santidade se sobrepôs ao sagrado.

A eliminação da negatividade é a eliminação da alteridade. Isso conduz à impossibilidade de diálogo, de reconhecimento do outro que, na sua diferença, encerra em si a própria negatividade. Ou seja, a eliminação das ambiguidades é uma forma de dominação da parte de quem se fecha em si, numa interioridade solitária incapaz de sofrer transformações. Quem reconhece a potência das ambiguidades, torna possível em sua passividade, ser tomado por aquilo, aquele ou aquela a quem observa. O corpo deixa assim sua condição de sólido para ser permeável a outras existências estranhas, portanto negativas.

Na tentativa de apagamento dos orixás yorubás através do sincretismo religioso, a Exu foi transmitido o título de demônio e a Oxalá o lugar do criador. Mas contrariando a lógica cristã, na cosmogonia yorubá, a ordem de Oxalá e o caos de Exu estão presentes na criação da humanidade. Não há a separação, mas o equilíbrio das forças, positiva e negativa, que dão forma a nossa existência.

De forma análoga, Lilith está em equilíbrio com Javé. Um dos seus mitos atribui seu nascimento a uma emanção de um dos aspectos do deus judaico-cristão, *Gevurah*, a *Sefirot* do rigor de Javé na Árvore da Vida (PATAI, 1990, p. 230). Lilith está relacionada à justiça divina, é aquela que guarda a entrada do Paraíso após a queda de Adão e Eva pelo pecado: a Chama da Espada Flamejante. Assim como Exu, Lilith traz nos seus mitos as contradições. Ora é a que se exila no deserto longe de Javé, ora é incumbida por Javé a realizar a justiça dele. É quem permite o nascimento dos filhos dos pecadores, mas é também aquela que tem o poder e o direito de matá-los fazendo-os rir. E no texto cabalístico do Zohar, quando Israel está em exílio, Lilith é a própria esposa de Javé, enquanto Shekhina se une a Samael, o demônio com quem Lilith gerou suas legiões.

Ela também é a sedutora e toda água em seu corpo é desejo, sua descendência nasce de seus enlaces com Javé, na literatura judaica do Zohar, com os demônios e com os homens, nas várias mitologias em que está presente. Na simbologia de seu corpo e erotismo, ou numa observação arquetípica da deusa, é clara sua aproximação com as Pombagiras. Lilith, Exu e as Pombagiras são o acesso aos corpos livres, ao desejo, ao rito erótico que nos faz pulsar em consonância com o caos. São navalhas que cortam a carne e nos nossos espasmos libertam o sangue que nos expõe o nosso lado mais animal, fora da criação racional. Se manifestam nos nossos corpos, no inflar do seio e no tremor desgovernado dos sexos. Tudo o que contemos na ordem social é desnudado pelas deidades que gargalham do nosso espanto quando provamos, ainda que a menor gota, de suas inebriantes salivas.

A ignorância do caráter sagrado do erotismo o condenou ao mal profano numa tentativa de subjugar as deidades que celebram o corpo e sua unidade com o espírito. Mais que isso, uniu o dogma cristão da danação da carne à utilidade racional da gestão dos corpos para seu uso político, sobretudo dos corpos femininos, estendendo o poder dos Estados sobre a reprodução através da domesticação das mulheres, que se intensificou nos séculos XVI e XVII na caça às bruxas. Quanto à utilidade hoje da domesticação do erotismo para o mercado capitalista, é possível perceber que, na exposição e no controle estético dos corpos femininos, o erotismo se esvai. Sua profanação abre espaço para a pornografia. No mundo moderno onde o pecado perde o valor, a transgressão do interdito perde lugar para uma profanação utilitária e monetizada. A pornografia elimina o erotismo.

A distância temporal dos rituais sagrados eróticos e a pouca confiabilidade das fontes históricas dos sabás, por exemplo, nos deixam entregues apenas à imaginação. A literatura mitológica, entretanto, nos presenteia ainda com imagens dessas experiências que alimentam a nostalgia da soberania do corpo. A literatura é o elo da nossa ligação perdida

com o rito erótico. É o que desenha aquilo que perdemos, mas que ainda sentimos a angústia de sua falta num sentimento de nostalgia. E podemos também nos aproximar dos sentimentos dos rituais, mesmo conservando ainda uma longa distância temporal e cultural, quando uma experiência nos conduz às sensações das primeiras descobertas da infância. Conservamos o que ainda há do rito erótico da transgressão quando reexperimentamos o medo excitando o desejo e desenhando a ação. Não se trata apenas do erótico relativo à sexualidade, mas também do erotismo que está em descobrir aquilo que ninguém vai lhe revelar, que só será descoberto no movimento da curiosidade e da audácia de permitir a descoberta ao se abandonar à passividade, ao próprio silêncio e à escuta do que não se é. Não se experimenta o erotismo sem o medo de se perder de si, que vem da completa abertura à experiência.

O instante em que descobrimos os primeiros arrepios, o momento em que nos tocamos e descobrimos o prazer de estarmos ancorados num corpo sensível. Ou até mesmo aquele momento em que não compreendemos ainda a sexualidade do corpo, mas percebemos toda a potência erótica no prazer e na percepção de que exploramos o espaço proibido. Esse momento é a visita de Lilith e também o giro da Pombagira. As emanções de ambas têm acesso a todo o nosso corpo escorrendo cada um de nossos poros adentro. Somos inflamados na experiência do encontro com nosso próprio espírito, não somos mais um corpo solitário em uma vivência egoísta e limitada pois somos transpassados por outrem ou pelo que nos rodeia.

Colocamos fim no erotismo quando conservamos a individualidade intangível, que não se pode afetar, ou seja, quando nos fechamos em nós mesmos. A pornografia é o que se sobrepõe ao erotismo em toda sua profanidade. Na pornografia não há mistério ou descoberta. Tudo já foi dado, o corpo, a imagem, os movimentos. Todo o roteiro é pré-determinado e reproduzido incansavelmente numa deseducação que conserva um individualismo narcisista e uma dominação estrutural racista e sexista. Entre as peles há uma câmera, o olhar é a própria câmera fria que calcula geometricamente os movimentos dos corpos. No erotismo conserva-se o mistério de desnudar o outro e a desordem de descobri-lo no conjunto dos sentidos do corpo humano. O erotismo conserva o assombro, a entrega, o medo de se perder. Percebe-se o próprio corpo na experiência de sentir o par. O erotismo eleva a tensão ao máximo para desencadear a nossa dissolução experimentada na pequena morte.

Já o sexo pornografizado é a exposição do par, assim como as relações humanas pornografizadas também o são. Da mesma forma que o erotismo, a pornografia também não se limita à sexualidade. Não se trata apenas da produção cinematográfica, mas também de

uma forma de relação humana em que não se permite a morte de si, ou uma passividade para ser afetado pelo par. A exposição dos corpos para consumo imediato, seja do sexo, de mercadorias ou de informação, anula o erotismo, que é a nossa possibilidade de sermos afetados por outra existência que não a própria.

[...] a exposição aniquila justamente aquela possibilidade de comunicação erótica. O rosto desnudado, reduzido unicamente a sua expositividade, desprovido de mistério e expressão, é obsceno e pornográfico. O capitalismo acentua a pornografização da sociedade, expondo e exibindo tudo como mercadoria. Ele não conhece nenhum outro uso da sexualidade. Profana o eros em pornografia. (HAN, 2017, p. 60 e 61)

Um uso utilitário dos corpos para a manutenção da produtividade, tanto para a produção de mercadorias como para a reprodução da massa trabalhadora, elimina o mistério dos corpos, sem o qual não existe erotismo. Uniformiza os corpos não só esteticamente, mas também em seus comportamentos, naturalizando formas de dominação. Separa os corpos entre os que devem ser vistos e os que não merecem o olhar. É justamente o mistério o que possibilita uma escuta para além dos gritos codificados e repetidos para a manutenção de uma tradição colonizadora dos corpos. Em suma, enquanto a pornografização estabelece e reinventa formas de dominação impondo uma homogeneidade, o erotismo é a abertura para a escuta da negatividade, ou seja, das diversas formas de se estar no mundo.

4. TECENDO OS MITOS EM MINHAS FISSURAS

__ *Vai entrando dentro de mim devagarinho, na minha boca,
vai deslizando que eu lambo você de leve com a língua e os
dentes, você vai sair pintadinho, lindo e feliz!*

__ *Quero que você me pinte no corpo todo, não deixe um
pedacinho sem tocar, vou bem de mansinho!*

(trecho do mito A cobra-grande, a jiboia, awandá. Narradores:

Überiká Sapé Makurap; Iaxuí Milton Pedro Mutum Makurap.

*Tradutores: Biweiniká Atiré Makurap, Alcides Makurap. Do livro
Moqueca de Maridos: mitos eróticos indígenas / Betty Mindlin e
narradores Makurap, Tupari, Wajuru, Djeoromitxí, Arikapú e*

Aruá)

Num emaranhado de influências das matrizes indígenas, africanas e lusitana, o trabalho de compreensão dos mitos é muito complexo. Falar de uma universalidade, quando estamos imersos em hábitos de uma cultura dominante sobreposta às outras, é, de fato, uma violência simbólica. Encaixar os mitos indígenas e africanos nos padrões culturais de uma educação europeia leva não somente a uma compreensão equivocada, mas também limita a uma única voz histórias que se conectam às experiências. As experiências não seguem padrões previamente calculados e intencionados, mas se passam de forma única nos corpos territórios. Os mitos são pontes de diálogo com as histórias pessoais, por isso levam a um exercício de alteridade para um conviver e não a uma homogeneização de saberes e formas de vida. Podemos, assim, nos abrir para receber as palavras, permitir que as sensações que elas provocam corram pela pele. O próprio espanto e a aversão são sensações com as quais podemos dialogar. É preciso antes deixar claro que, sempre questionando primeiro o que a cultura dominante nos levou a ser, questionando a nós mesmos mais que os outros, exercitamos a abertura para alteridade.

Um trabalho de mitologia comparada poderia ampliar a compreensão dos mitos e do erotismo dos povos originários. Não é, entretanto, o objetivo deste trabalho. O que busco é, num encontro de mitos que me tocam, possibilitar na tessitura das histórias um dos caminhos possíveis de contato com a soberania do corpo. Das histórias de nossas familiares mais próximas às mitologias que fundaram a vida social de nossas ancestrais mais longínquas, os conflitos, perturbações, frustrações e celebrações se repetem de forma hora mais, hora menos análogas. O fato é que, se entregamos a escuta, algo em nós será movido. Trata-se em todo percurso de um rito erótico.

Longe de impor um conceito que nasce das relações da cultura patriarcal cristã europeia, a saber o machismo, às relações das culturas yorubá e indígena Makurap, proponho uma leitura do que os mitos trazem das relações de amor e conflitos entre os gêneros. É claro que uma divisão do trabalho que não visa a acumulação e o lucro individual, tem obviamente, consequências completamente diferentes das consequências capitalistas nas relações de poder entre os gêneros. O corpo feminino pornografizado, por exemplo, tem sua gênese nas relações capitalistas. Na cultura yorubá, a própria língua não favorece uma leitura a partir do gênero, mas a partir de uma designação etária, portanto com mobilidade, da estratificação social. Segundo Oyèronkè Oyèwúmi em *A Invenção das Mulheres* (2017), a noção de gênero para a participação na esfera pública ou no trabalho não era relevante na sociedade yorubá, que valorizava a idade cronológica ou relativa (a partir do momento de entrada no clã) na hierarquia social e a linhagem relacionada ao Orixá para a definição do trabalho, assim, mulheres de linhagens ligadas à Oxóssi, Orixá da caça, por exemplo, poderiam ser caçadoras, sem que o sexo biológico interferisse em sua atuação social. Portanto, ainda segundo Oyèronkè Oyèwúmi, um papel social feminino é uma herança da colonização e não se aplica à compreensão da sociedade yorubá antes da dominação cultural do Ocidente.

Como dito anteriormente, escolhi para este trabalho, entre tantos mitos eróticos possíveis, alguns mitos do povo Makurap porque trato das experiências que provocaram em mim. Trato de um saber da experiência⁹ e não de uma tentativa de valoração entre as culturas. O povo Makurap é um dos povos que vivem nas terras indígenas do Rio Branco e do Guaporé, fronteira com a Bolívia. Tiveram sua população drasticamente reduzida após o contato com os invasores brancos. Na década de 1920 trabalharam nos seringais sob um regime de semiescravidão, a isso se seguiu uma epidemia de sarampo na década de 1940. Na década de 1980 tiveram suas terras demarcadas e expulsaram junto com os Tupari, sem violência, os seringueiros invasores (MINDLIN, 2014).

Dito isto, a partir deste momento, apresento o caminho que alguns dos mitos desse povo, junto aos mitos de Lilith, ao mito da Pombagira Maria Padilha e sua chegada ao Brasil, e também junto às histórias de mulheres degredadas para as terras brasileiras por sua associação à magia, à sexualidade e ao demônio e à história de Zacimba Gaba, princesa sequestrada de Cabinda, Angola, e escravizada no Brasil, percorreram em mim. Todos os mitos, assim como as histórias das mulheres degredadas para o Brasil e de Zacimba Gaba, que ilustra a diáspora africana, aludem à perda do poder das mulheres; humilhações, fugas ou expulsões, ao que se sucedem a raiva e o desejo de vingança.

⁹ Ver Bondía 2002.

4.1 A insubordinação

Início esta jornada chamando um dos mitos de Lilith, encontrado no Zohar. Pensemos, a partir dele, no fardo da submissão e da domesticação feminina. Este mito narra uma desavença amorosa entre as luzes criadas por Javé: Adão e Lilith:

Deus criou duas grandes luzes. As duas luzes ascenderam juntas com a mesma dignidade. A Lua, porém, não estava à vontade com o Sol e, na verdade, cada um se sentia mortificado pelo outro. A Lua disse: “Onde apascentas o teu rebanho? (Ct, 1:7). O Sol disse: “Onde levas a repousar teu rebanho ao meio-dia?” (Ct. 1:7). “Como pode uma pequena vela brilhar ao meio-dia?” Por isso, Deus disse a ela: “Vai e torna-te menor.” Ela se sentiu humilhada e disse: “Por que razão seria eu como a que se cobre com um véu?” (Ct. 1:7). Deus disse então: “Segue teu caminho guiando-se pelas pegadas do teu rebanho.” Por isso, ela diminuiu a si mesma de tal modo que se tornou a líder das fileiras mais inferiores. Desde então, nunca mais teve luz própria, obtendo a luz do Sol. A princípio, eles continuaram em pé de igualdade; mais tarde, porém, ela foi se tornando a menor de suas fileiras, embora continuasse a líder delas. Quando a Lua estava em conexão com o Sol era luminosa; mas tão longe se separou do Sol e foi-lhe atribuído o comando de suas próprias hostes, ela reduziu sua posição e a sua luz, e cascas sobre cascas foram criadas para cobrir o cérebro, e tudo em proveito do cérebro. (Zohar I 20a, apud KOLTUV, 2017)

Depois que a luz primordial foi afastada, criou-se, ali, uma “membrana para a polpa”, uma *K'lifah* ou casca, e esta *k'lifah* expandiu-se e produziu uma outra, que foi Lilith. (Zohar I 19b, apud KOLTUV, 2017)

Tudo isso é revelado no livro de Adão. Nele diz-se que quando as Trevas reivindicaram seus direitos, fizeram-no com violência (Ct 1:7). Mas assim que a cólera e a violência abrandaram, surgiu um novo tipo de desavença, a saber, uma desavença amorosa... (Zohar I 16b - 17b, apud KOLTUV, 2017)

Esta outra forma de narrar a desavença de Lilith e Adão no Jardim do Éden, comparando-os aos astros, reserva ao homem a razão, na simbologia do Sol, e à mulher as trevas. A intervenção de Javé, no conflito entre os dois, diminuiu a dignidade da mulher, antes em igualdade com a masculina; sua intervenção usurpou-lhe a liberdade da escolha. Javé ordenou-lhe que seguisse as pegadas da humanidade como uma sombra. Da humilhação e da reação a esta, a força feminina tornou-se a força de Lilith. A força que anseia pela retomada da igualdade. Ainda no Zohar, é narrado que Lilith tentou permanecer com os querubins, mas Javé fez com que os anjos lhe virassem os rostos (PATAI,1990). Lilith partiu então para seu exílio no deserto, fugiu do direito que foi dado a Adão de dominá-la. No deserto, Lilith gera os demônios seus filhos e filhas, que como a mãe, seguem as pegadas da humanidade. Se dela foi tomada a liberdade de escolher por si própria, ela escolhe o que parecia não ser uma opção, mas um castigo. Ela prefere o exílio, o deserto, a maldição.

Este mito é atualizado nas relações paternas de dominação, na limitação das escolhas consideradas honradas pela sociedade, na insubordinação daquelas que exigem a

igualdade das luzes, ou sua luz reconhecida e não apenas um reflexo da razão solar. Quem se negar a suportar a dominação masculina, passará por um deserto e pelo desejo de vingança. Terá seus gritos animalizados, assim como Lilith está relacionada aos animais noturnos. Será arbitrariamente renegada ao domínio dos demônios e do mal.

4.2 A condenação

Trago para dialogar com o mito de Lilith um mito Makurap, que traz uma imagem bastante violenta da desavença entre as mulheres e os homens. A *cantiga Koman ou moqueca de maridos*, mito que dá título ao livro de recolha de mitos de Betty Mindlin (2014), conta de uma velha, chamada *Katxuréu*, que vivia dentro da lagoa. Quando as meninas, enviadas pelas mães, vão pescar os peixinhos e sapinhos da casa da velha, ela as repreende dizendo que os sapinhos eram sua música e seu jenipapo, ensina a cantiga *Koman* e manda chamar as mães. Todas as mulheres são seduzidas pela cantiga e dançam exaustivamente até não suportarem a fome. A velha então diz para voltarem no outro dia, com a carne de um dos maridos.

Um a um, elas matam e cozinham os maridos, animadas para cantarem e dançarem com a velha a cantiga que as levam a um estado de transe. Até que, finalmente, os homens descobrem e matam todas as mulheres. Tentam matar também a velha, que lhes mostra os dentes afiados com que comeu muitos homens. A velha, no entanto, escapa e vive até hoje. A canção também vive e é conhecida pelas mulheres makurap nos dias atuais. Apenas duas meninas sobrevivem ao ataque dos homens, duas meninas que não haviam comido a carne dos maridos que viraram moqueca (MINDLIN, 2014, p. 49-54). Sobre essa batalha entre os sexos, Betty Mindlin escreveu:

A velha enfeitiça, como a cobra do paraíso cristão, e separa as mulheres dos seus maridos. Estimula a hostilidade contra os homens através da sedução e da arte, da música e da pintura. [...] Que razão teriam as mulheres para acatar sem qualquer resistência uma ordem tão feroz? Separação e vingança ocorrem sem nenhum arrependimento, ou queixa contra o poder dos homens. Sem qualquer justificativa, há a manifestação de um ressentimento muito profundo contra os maridos. (MINDLIN, 2014, p. 279 e 280)

A velha que emerge do fundo da lagoa, enfeitada com os ossos dos maridos mortos, e escancara os dentes com orgulho ameaçador, contando que comeu muitos homens, tem histórias para trocar com Lilith. Há uma cólera profunda nas imagens de bruxa que as duas trazem. Há uma condenação às profundezas e à solidão. Se a velha foi enviada de volta para o fundo da lagoa sem a companhia das mulheres às quais ensinava sua canção e com as quais dançava, Lilith foi exilada para a caverna no deserto. *Katxuréu* e Lilith compartilham

com tantas outras mulheres a condenação que sobrevém àquelas que se revoltam ou insubordinam.

Essa condenação pode ser sentida como um isolamento social, familiar, ou a própria culpa. Se o ressentimento neste mito não tem um motivo claro, ao menos para um olhar ocidentalizado, neste próximo mito podemos desenvolver algumas suposições.

A cobra grande, a jiboia, awandá, encontrado no mesmo livro de Betty Mindlin, conta de uma linda jovem que não queria se casar, mas por insistência da mãe e da família casa-se com um rapaz a quem rejeita. O rapaz desejava a moça e sempre tentava se deitar com ela, procurando-a em sua rede. A moça sempre o empurrava, tinha asco de suas aproximações. Ele então se vinga com uma mistura de seivas que a transforma em jiboia. A mãe e o irmão da moça têm certeza do feitiço do cunhado. O irmão cuida da jiboia, prepara para ela um lugar seguro.

Um dia, o irmão descobre a árvore do jenipapo e naquele tempo as pinturas eram feitas de carvão, não tinham a beleza que só o jenipapo podia dar. Ele prepara a tinta e leva para a irmã, que diz para colocar a tintura em sua boca e ir colocando o braço devagar dentro dela, que ela iria pintá-lo com a língua e os dentes. O irmão coloca e sente prazer dentro da boca da jiboia. Deseja ter o corpo inteiro pintado daquela forma e a irmã consente. Diz pra ele que quando ela terminasse, ele deveria urinar e, então, ela o cuspiria para fora. O irmão estremece dentro da cobra, aproveita cada momento dentro dela e, no auge do prazer, urina e é cuspidor para fora com a mais bela pintura que seus parentes jamais antes haviam visto.

O cunhado, invejoso da pintura do irmão, tanto o persegue que acaba descobrindo a cobra. Tenta fazer o mesmo, mas não se sabe se apenas não urinou, se não sabia que deveria ser assim, ou se não sentiu nenhum prazer com os dentes e a língua da cobra. É engolido e morre. A jiboia fugiu e os homens não puderam matá-la. Num igarapé, pariu uma cobrinha e mais pra frente rejeitou de seu corpo o homem morto. Ela vive até hoje em rios de muitas águas (MINDLIN, 2014, p. 64-68)

Os narradores, nomeados acima na citação do diálogo entre a irmã cobra e o irmão, epígrafe que inicia este capítulo, dizem desconhecer o motivo pelo qual o cunhado foi engolido e morto dentro da cobra. Entretanto, para uma mulher que já foi castigada por não colocar um desejo masculino acima dos seus desejos, é clara a possibilidade do motivo da vingança. Ainda que esta não tenha de fato ocorrido na vida da mulher que entra em contato com este conto, o desejo da vingança ou apenas a alusão, são notáveis. A jiboia não é para os Makurap o símbolo do pecado cristão, ela é, sim, sedutora. Seja através do prazer que

não sabemos se o cunhado sentiu ou não, ou pela vaidade de estar pintado de forma tão bela quanto o irmão; a jiboia o seduziu. E tenha sido de forma intencional ou não, o feitiço que a mulher sofreu foi vingado. Mas longe de um final ao todo feliz, a jiboia é condenada a viver longe de seu povo, foge para salvar-se e aparta-se do irmão a quem ama.

Figura 4 – Cena do filme *As hiper mulheres*, de Carlos Fausto, Leonardo Sette e Takumã Kuikuro, que nos conduz num mergulho delicioso na tradição dos cantos femininos e nas brincadeiras indígenas que aludem à uma "guerra sexual" na festa do ritual feminino Jamurikumalu.



Fonte: EBC, 2017. Disponível em < <https://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/noticias/2017/04/documentario-as-hiper-mulheres-ganha-destaque-na-tv-brasil-no-dia-do>>

Acesso em 28 de fevereiro de 2021

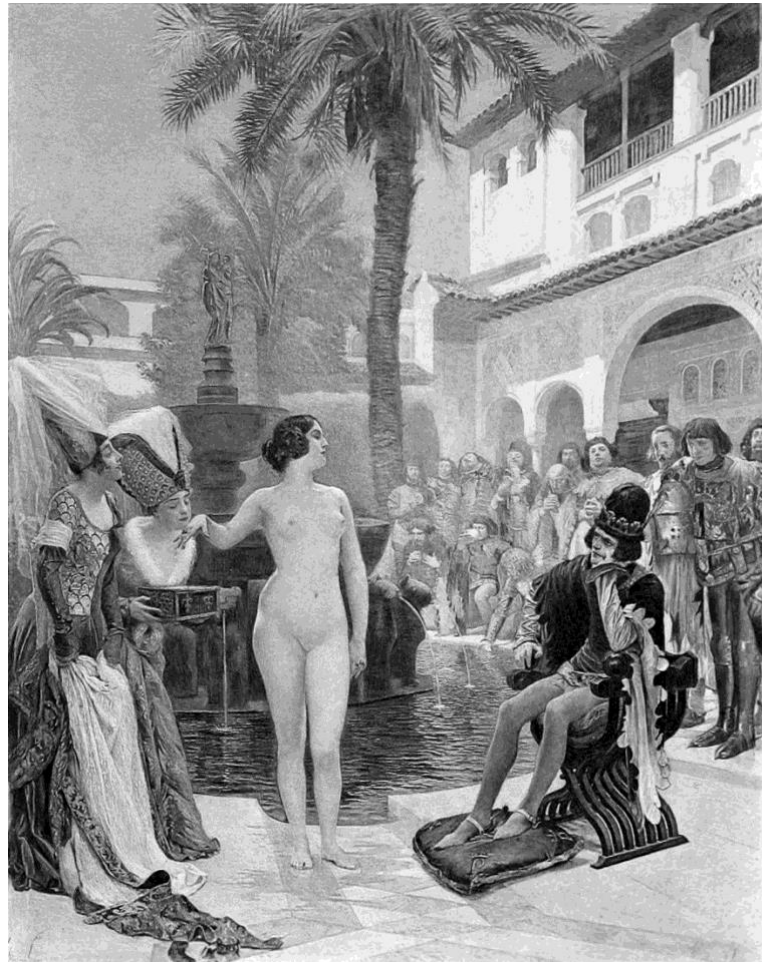
4.3 A resistência do corpo erótico

A sedução da jiboia e da velha *Katxuréu* encontra eco na sedução das também perigosas Lilith e Pombagiras. Como este eco das Pombagiras encontra espaço no território brasileiro e como ela se fixa como entidade de uma religião nacional? Segundo Oli Santos da Costa, no panteão yorubá parece não haver confirmação de um orixá com o nome Pombagira, já o panteão banto há um *inckice* denominado *Bombojira*, equivalente ao Exu nagô, o que leva a crer que o nome Pombagira seja uma corruptela deste último. Ainda de acordo com Oli Santos da Costa, o mito da Pombagira teve início com a vida de Maria Padilha de Castela, na Espanha, no século XIV. Foi a amante preferida de Dom Pedro I de Castela, “O Cruel”. Maria Padilha morreu aos 27 anos de idade e, nove meses após a morte, foi coroada rainha.

A partir daí, Maria Padilha de Castela, passa a ser vista como um modelo de mulher, bonita, sedutora, poderosa, sensual, inteligente e astuta. Ela fez dessa sexualidade uma arma com ilimitados poderes, que lhe propiciou a

capacidade de manipulação e persuasão, criando um imaginário cheio de mistérios e poderes mágicos em torno desse perfil, e o estereótipo de mulher perigosa, fatal e independente. Isso num período em que a mulher era obrigada a ser submissa ao marido e à Igreja. (COSTA, 2015, p. 18)

Figura 5 – Maria Padilha de Paul Gervais



Fonte: Paul Gervais, Public domain, via Wikimedia Commons. Disponível em <
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul_Gervais_-_Maria_de_Padilla.jpg> Acesso em 27 de
 fevereiro de 2021

Maria Padilha se fixou no imaginário da Península Ibérica, espalhou-se nas artes, na literatura, na ópera e nos conjuros investigados pela Inquisição espanhola. Seu vínculo também foi estabelecido com os povos ciganos radicados da Península e as histórias de iniciação da rainha Maria Padilha na magia completaram a imagem que perdura no imaginário popular (COSTA, 2015). Os primeiros ciganos degradados de Portugal para o Brasil em 1574 trazem inicialmente Maria Padilha para cá.

Ao longo do século XVII, esse processo continuou com a chegada da feiticeira portuguesa degradada, Maria Antônia, conhecida como Maria Paixo, que fora deportada da cidade Porto, em Portugal, para o Brasil

colonial. Na Bahia, tinha-se notícia no mesmo século, da bruxa Antônia, denominada a Nóbrega, que possuía uma expressiva clientela feminina. Também, há notícias de uma degredada que veio para o Brasil, em maio do ano de 1633, conhecida por Ana Martins, uma feiticeira portuguesa com noventa anos de idade, que efetuava os conjuros de Maria Padilha e toda a sua quadrilha, invocando os nomes de Lúcifer, Barrabás, Satanás e Caifás (SOUZA, 1986; VAINFAS, 2013, apud COSTA, 2015).

No Brasil colonial, Maria Padilha desembarcou e permaneceu com as mulheres degredadas, degradadas e oprimidas, sempre visada ou pela Inquisição ou pelo Tribunal do Santo Ofício.

Foi nesse cenário, do século XVIII, no Brasil colonial, que Maria Padilha de Castela chegou a Recife, no bispado de Pernambuco, no ano de 1718, expressada no imaginário religioso e na memória da portuguesa Antônia Maria de Beja, natural de Beja, Portugal, que havia sido degradada para Angola, anteriormente à sua vinda para o Brasil. Ela era uma feiticeira que utilizava práticas de seduções, valendo-se de sua juventude e beleza para proceder as suas conquistas amorosas. Essas práticas sedutoras eram aliadas à arte da magia. Ela tinha trinta anos de idade, pele alva, baixa estatura, corpo benfeito e possuía olhos negros e penetrantes. Certa feita, ela foi acusada de seduzir um de seus vizinhos, e de utilizar-se de rezas e conjuros, invocando Maria Padilha e toda a sua quadrilha, e os nomes de Lúcifer, Caifás, Barrabás e Maria da Calha e toda sua canalha (MEYER, 1996). Antônia Maria de Beja era uma cristã-nova e foi presa em 23 de janeiro de 1720, ocasião em que foi extraditada para Portugal e julgada no ano de 1723. Posteriormente, ela foi condenada à prisão perpétua pelo Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, como consta no processo de número 1.377-1, folhas 102 a 206, sob a acusação de relapsia em superstições e feitiçaria, conforme consta nos arquivos da Torre do Tombo (MEYER, 1991; SOUZA, 1986 apud COSTA, 2015 p. 24 e 25)

A mulher sedutora e perigosa, que invoca o nome de Maria Padilha, não representa esses adjetivos sem ser, antes disso, a mulher que usa esses artifícios para garantir sua sobrevivência. O imaginário de Maria Padilha ocupa, desde a colonização, as ruas. Este imaginário está entre as mulheres para as quais não havia outra escolha a não ser se impor através do corpo o do saber popular feminino de suas práticas de magia. O próprio corpo e o saber eram o que essas mulheres possuíam, e mesmo assim, não os possuíam sem resistência. E foi exatamente nos espaços de resistência que Maria Padilha desencarnada visitou Brasil:

A primeira manifestação mediúnica de Maria Padilha Castela, no Brasil Colonial, que se tem notícia, ocorreu no final do século XVIII, num Toré, uma religião ameríndia-afro-brasileira vivenciada hoje no Norte e Nordeste brasileiro. Nesse culto, Maria Padilha de Castela, ao incorporar na pessoa médium, soltou sua gargalhada característica, fumou um cigarro e se identificou como estrangeira (rainha Maria Padilha de Castela), dizendo que não tinha vindo para ficar, que estava apenas de passagem (FARELLI, 2006). Posteriormente, no século XIX, Maria Padilha de Castela é vista manifestando-se em Recife, Pernambuco, num cortejo de Maracatu, conhecido como Nação do Leão Coroado, que são danças de influência nagô. Ela dançava e dava gargalhadas estridentes, debochadas e desafiadoras, enquanto os participantes gritavam em coro,

viva, Exu, viva a mulher de Exu! E perguntaram: – Qual é seu nome, dona da festa? Ela respondeu: Sou a rainha Maria Padilha e vim para festejar. No antigo cortejo nigeriano em louvor a Oxum chegara mais uma Lebara, branca, diferente, a mais quente de todas (FARELLI, 2006, p. 7).

Instaura-se o elo entre o lado feminino de Exu, a Lebará dos cultos afros yorubás, e a ‘Lebará branca’, das Macumbas cariocas brasileiras, por meio do mito, da feiticeira andaluza, amante insaciável, fêmea indomável e sedutora. Maria Padilha de Castela, depois de se manifestar por vários anos no Nordeste brasileiro, migrou e se solidificou no Rio de Janeiro, a partir do final do século XIX, na Macumba carioca, tornando-se um Exu-alma-feminina, ou a mulher de Exu-alma, e foi consagrada a rainha carioca da magia (AUGRAS, 2009; FARELLI, 2006). (COSTA, 2015 p.31)

A Pombagira Maria Padilha chegou, assim, nas religiões ameríndia-afro-brasileiras numa forte ligação com Exu, sendo considerada o seu lado feminino. É uma Lebara branca porque foi recebida pelos panteões nagô e banto. Ela foi a branca que, durante o período de terror, perseguição, tortura e assassinato das mulheres consideradas bruxas por seus supostos vínculos com a magia e com a sexualidade, exerceu, com todos os riscos, seu poder feminino e de sedução. Maria Padilha não foi queimada, foi coroada rainha, ainda que depois de sua morte. Quando aportou no Brasil através de sua história, de sua memória, imersa no corpo de outras brancas, Maria Padilha veio para afirmar que a supressão do corpo feminino e do erotismo, que move o saber do corpo e a resistência das mulheres, não foi de todo bem sucedida nem mesmo na Europa. Quando recebida nos terreiros, no encontro entre as religiões ameríndias e afro diaspóricas, Maria Padilha se tornou mais que rainha. Foi coroada Pombagira para reinar com outras Pombagiras, brancas, negras e indígenas, entre os corpos condenados nas encruzilhadas das ruas do Novo Mundo. Através da libido, as Pombagiras afirmam a resistência dos corpos femininos.

4.4 A descolonização dos corpos brancos na partilha dos mitos ameríndios e afro-diaspóricos

O que o mito da Pombagira Maria Padilha nos traz para uma compreensão de possibilidade da mulher branca de convivência em alteridade com as mulheres que constituem o território brasileiro? O que compreendo neste mito fundante é que a mulher branca precisou se encontrar não só com os panteões yorubá e banto para perpetuar sua imagem sacralizada, mas precisou, principalmente, se abrir para a escuta do corpo e do saber dos corpos femininos tomados do continente africano. Maria Padilha dança ao som dos atabaques. A soberania de seu corpo não poderia escolher outro lugar que não as ruas e os terreiros, onde sua experiência poderia ser compartilhada com as experiências de coragem e insubordinação ao julgo branco das mulheres ameríndias e africanas.

A mulher branca, assim como o homem branco marginalizado pela herança de um saber, de uma religião e de uma economia eurocentradas, encontra nos saberes encruzilhados no Novo Mundo as possibilidades de resistência ao colonialismo. Uma história narrada por Davi Kopenawa, no livro *A Queda do Céu*, ilustra, assim como a aparição mediúnica de Maria Padilha no Toré, um encontro dos escamoteados pela cultura cristã com os povos colonizados. Kopenawa narra a história que seu sogro, Lourival, um grande xamã, lhe contou, sobre o encontro de *Teosi* (nome dado ao deus judaico-cristão pelos yanomami) e *Omama* (demiurgo yanomami).

Foi morrendo desse modo que ele também viu *Omama* e *Teosi* se enfrentarem. Contou-me como ambos surgiram, juntos, quando a floresta começou a existir. Mas *Teosi* logo ficou furioso contra *Omama*, por achá-lo habilidoso demais. Sua capacidade de criar as coisas da floresta o deixava enciumado. De raiva, acabou matando-o. Então *Omama*, tornado fantasma, vingou-se de *Teosi* e, por sua vez, destruiu-o. Depois disso o fantasma de *Teosi* foi morar além do céu, acima da terra dos brancos. O de *Omama* permaneceu acima de nossa floresta, próximo dos *xapiri*¹⁰. Desde então as imagens dos dois ficaram afastadas uma da outra [...] No começo, *Omama* não era o único a ter *xapiri*. *Teosi* os criou no mesmo tempo. São eles que os missionários chamam de anjos. No entanto, *Teosi*, acabou sendo agressivo com eles, porque não lhe obedeciam. Então expulsou-os para longe, acusando-os de serem sujos e preguiçosos. Ao ver isso, *Omama* os chamou para perto de si e os transformou em *xapiri*. Deu a eles seus ornamentos resplandecentes e seus cantos magníficos. De modo que eles são muito mais belos do que os humanos; são mesmo como os espíritos deles que os brancos nos disseram ser anjos. A beleza e o poder dos *xapiri* não tardaram a causar inveja em *Teosi*. Por isso, como eu disse, ele acabou matando *Omama*, que era o pai deles. Ele não morreu sem motivo! É também por isso que, até hoje, a gente de *Teosi* guarda tanto rancor contra os xamãs que fazem dançar esses espíritos. É o que eu penso. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 277)

Minha hipótese é de que o mito de Maria Padilha denota que sua soberania do corpo e sua soberania erótica não cabem no pequeno espaço em que os brancos arbitrariamente tentaram encaixá-la. Os espíritos condenados por *Teosi* ou Javé, que se tornaram *xapiri* ao serem recebidos por *Omama*, são espíritos que, assim como os *xapiri* criados por *Omama*, quando chamados pelos xamãs, curam, com seus cantos e danças, o povo yanomami dizimado pela colonização branca. Os *xapiri* curam este povo que tem sido exposto às epidemias levadas pelos brancos, povo que luta continuamente contra a destruição de suas terras pelo desmatamento e pelo garimpo ilegal. Assim como os *xapiri* foram acolhidos por *Omama*, Maria Padilha foi recebida nos terreiros pelas *Yabás* e pelas mulheres indígenas e caboclas da Jurema, para curar as mulheres e os desvalidos das ruas com sua gargalhada, seus pontos e sua dança.

¹⁰ Na tradução para o português seriam os espíritos yanomami, ou ancestrais animais, que se apresentam aos xamãs com danças e cantos.

A possibilidade de libertação do corpo da branquitude está no escapar pelas frestas da epistemologia que sobrepõe a ciência europeia aos saberes de outros povos. No Novo Mundo essa libertação se deu e permanece sendo experienciada através da abertura para a alteridade, na recepção dos conhecimentos ameríndios e afro-diaspóricos. Maria Padilha encontrou acolhimento nos panteões yorubá e banto. Aprendeu e ensinou na polifonia de Exu e nos mostra, nas encruzilhadas, as possibilidades. Assim como Exu, Maria Padilha e as encantadas Pombagiras, não buscam uma sobreposição de um saber, nem o fim da ciência europeia. Mas buscam rir do que consagraram verdade, esmiúçam o cânone para desiludi-lo de sua pretensa solidez. Se os brancos separaram a mente do corpo num violento controle deste último, as Pombagiras celebram a sabedoria dos seus corpos.

Maria Padilha encontrou acolhimento e a filosofia que faz justiça ao seu corpo junto dos corpos explorados pela colonização. Ela não poderia se aninhar em outro lugar senão junto à coragem das mulheres indígenas e das mulheres negras escravizadas no Novo Mundo. Sua história se fortalece numa construção de narrativas femininas de resistência ao encontrar histórias de outras mulheres heroicas como Zacimba Gaba.

A professora, escritora e pesquisadora Jarid Arraes se dedicou à coleta de histórias de mulheres negras que desempenharam um papel ímpar na História do Brasil. Dentre as vidas de muitas mulheres que o cânone da pesquisa acadêmica se esforça em subtrair da História, Jarid traz a memória de Zacimba Gaba. Zacimba foi uma princesa de Cabinda, no território da atual Angola, arrancada de sua terra para ser escravizada no Brasil, no Espírito Santo em 1690. Sua altivez e sua coragem não permitiam que lhe impusessem a subserviência. Ela foi castigada pelas tentativas de fuga e trancada na Casa-Grande de José Trancoso. A princesa foi degradada de sua origem real, estuprada, humilhada e ameaçada de morte caso os seus se revoltassem na senzala. Zacimba cantava da Casa-Grande e, com seu canto na língua de seus orixás, convocou seu povo para organizarem a morte do escravocrata.

Ela envenenou, dia após dia, José Trancoso com o veneno da cabeça de uma cobra. Ela matou seu abusador e seu povo invadiu a Casa-Grande. Zacimba comandou com uma peixeira a revolta que matou os servos de Trancoso. A princesa liderou um quilombo e, com os seus, atacava navios negreiros libertando os que foram capturados para serem escravizados. Zacimba morreu lutando pela liberdade de seu povo (ARRAES, 2017).

No Brasil, as histórias das mulheres insubordinadas se cruzam e se fortalecem no fogo da palavra viva, no axé do sopro da voz das mulheres que narram suas histórias. Essas são as mulheres que não aceitam a colonização de seus corpos. São essas as mulheres cheias de desejo de vida, de tesão, mulheres soberanas em seu erotismo, pois

não se desvincula o erótico da capacidade de rebelar-se e nem da capacidade de deixar-se afetar pela história da outra.

4.5 Mulheres, bruxas e demônios

A qual domesticação essa rebeldia vai de encontro? Maria Padilha aportou no Brasil no imaginário de mulheres excluídas, mas outras mulheres a quem foi atribuído o envolvimento com a rainha ou com outras chamadas bruxas ou feiticeiras não tiveram a mesma sorte e foram torturadas e assassinadas durante a Caça às Bruxas. Nas confissões arrancadas por meio da tortura pela Santa Inquisição e, logo após, nas confissões da psicanálise, nascia a sexualidade moderna.

Séculos de confissão e de metodologia clínica de escuta, analisadas por Foucault como gênese da sexualidade moderna, desvendam um desejo que não pode estar separado do poder. É uma tentativa vã, no Ocidente, encontrar o desejo puro e natural separado das relações de poder. A sexualidade moderna se mostra como uma forma de diferenciação dos corpos e um meio de dar-lhes valores diferentes. Um meio de instituir uma normalidade e uma anormalidade a ser exposta, controlada e medicada.

No que diz respeito ao corpo da mulher, Silvia Federici desvia-se de Foucault ao analisar a caça às bruxas e o discurso sobre a demonologia como um poder repressivo aplicado contra as mulheres, o que tornaria inverossímil uma dinâmica de micropoderes entre as vítimas e os perseguidores (FEDERICI, 2017, p.35). Para além das práticas discursivas, o corpo feminino foi então moldado na ação repressiva, na tortura e no assassinato público de centenas de milhares de mulheres. Federici levanta a hipótese de que a caça às bruxas, junto à criminalização do aborto, de meios contraceptivos e do infanticídio, marca, ainda nos séculos XVI e XVII, o surgimento de um biopoder, que às custas da tortura e da morte defendeu a vida, como produção de força de trabalho, numa lógica mercantilista de que a força de uma nação estaria no número de indivíduos ao seu dispor. Assim, ela situa o conceito cunhado por Foucault para designar a reprodução e o crescimento populacional como interesses de Estado antes do século XIX, como situado por ele.

Com este pano de fundo, parece plausível que a caça às bruxas tenha sido, pelo menos em parte, uma tentativa de criminalizar o controle da natalidade e de colocar o corpo feminino – o útero – à serviço do aumento da população e da acumulação da força de trabalho.

Essa é uma hipótese; o que podemos afirmar com certeza é que a caça às bruxas foi promovida por uma classe política que estava preocupada com a diminuição da população, e motivada pela convicção de que uma população numerosa constitui a riqueza da nação. (FEDERICI, 2017, p. 326)

Silvia Federici aponta um forte cunho sexual nas acusações usadas para condenar as mulheres como bruxas. Essas mulheres eram acusadas de ter tido relações com o demônio e com animais e também de terem seduzido homens, tornando-os depois impotentes. Para além dessas acusações, é possível perceber uma relação econômica no que concerne à situação de pobreza e mendicância das acusadas, assim como o uso de terras alheias para conseguir alimentos ou deixar seus animais pastando, no momento em que as terras comuns foram cercadas. As bruxas, muitas vezes, eram as mulheres que resistiam ao cercamento das terras comuns e à uma política de subtração das já escassas condições de sobrevivência da população marginalizada. Muito frequentemente, as acusações eram ainda relacionadas ao controle de natalidade. As bruxas eram acusadas de comer crianças, causar abortos e causar esterilidade. Sobre o julgamento e execuções na Europa nos séculos XVI e XVII, Federici acrescenta: “De fato, mais mulheres foram perseguidas por bruxaria neste período do que por qualquer outro crime, exceto, de forma significativa, o de infanticídio.” (FEDERICI, 2017, p. 323).

O corpo feminino foi disciplinado, a partir de iniciativas dos governos na Europa, no terror da caça às bruxas, uma vez que o poder feminino sobre o próprio corpo, seu uso no prazer, na reprodução e na insurgência contra o poder econômico foram vinculados à suposta possessão demoníaca. No novo mundo esse controle se estende aos corpos nativos femininos e aos corpos femininos escravizados de forma ainda mais intensa na dizimação dos povos nativos, no genocídio cultural e na negação da liberdade dos povos sequestrados para o Brasil.

A imagem feminina demoníaca, da bruxa ou da feiticeira, é importante para esta argumentação porque não é uma invenção da Idade Média e nem se limitou ao seu fim. A relação cristã que perdura e associa a Pombagira ao demônio é uma evidência disso. Na cultura suméria, em meados do terceiro milênio antes de Cristo, Lilith era relacionada às mesmas acusações que criminalizaram as bruxas dos séculos XVI e XVII. Da deusa suméria à posterior consorte de Javé na Kabbalah judaica, ela conservou as mesmas características.

Yet with all these advances in her career, the basic qualities of her personality never changed: she remained the beautiful seductress who joined lonely men in their nocturnal unrest, enjoyed sex with them, and bore them demonic offspring, while she also found enough time to play her lethal games with children, causing them to laugh happily in their sleep and then

strangling them mercilessly so as to get hold of, and array herself in, their innocent souls¹¹. (PATAI, 1990, p.252)

Na mitologia judaica, Lilith é a primeira mulher do Jardim do Éden, criada da mesma matéria do primeiro homem e que se recusa a ser submissa a Adão. É a que exige estar por cima no sexo, numa imagem de poder sobre o próprio corpo e de conhecimento do próprio prazer. É a mulher que escolheu lutar pelo seu lugar de igualdade mesmo sabendo que seu destino seria o deserto. Foi associada aos demônios e aos animais noturnos. Lilith é a mulher alada, com patas de coruja e unhas cravadas sobre os leões da consciência masculina, como nos mostra sua imagem suméria em relevo de terracota de cerca de dois mil anos antes de Cristo. Lilith, como assassina de crianças, pode ser entendida como aquela que tem o poder sobre a procriação. É aquela que se rebela porque conhece o nome secreto do deus judaico-cristão. É também a deusa que, de degenerada, ascende aos querubins, se torna a face da justiça de Deus, espada flamejante na porta do Paraíso. É a esposa de Deus no tempo de exílio de Shekhina. Essa ascensão de Lilith e seu lugar divino ao lado do deus que hoje é o símbolo das religiões monoteístas é, entretanto, a parte dos mitos renegada nos discursos sobre a deusa.

Barbara Black Kultov analisa o arquétipo de Lilith a partir de um referencial junguiano. Segundo Kultov, “Lilith é aquela parte da deusa rejeitada e expulsa no período pós-bíblico” (KULTOV, 2017, p. 171). É, ainda segundo Kultov, a consciência lunar, Deusa da Vida e da Morte, o corpo em sua sexualidade e instintividade e a experiência interior acima da lógica e da lei.

Lilith se mostra a conhecer, nos chama para estes encontros de experiência interior. Ela se apresenta ainda nas histórias de tradição oral, onde espalhou também suas filhas, que chamam as mulheres para dentro dos espelhos onde moram. Por mais que essas histórias possam ter sofrido modificações e apresentem um forte teor de uma cultura patriarcal nos registros que podemos hoje acessar, o fascínio da deusa grita como no seu nascimento um desejo de liberdade e de retorno ao corpo. É no corpo de Lilith, em seu reflexo que as mulheres encontram ao olharem-se no espelho, que está a possibilidade da desdomesticação.

Figura 6 – Lady Lilith de Dante Gabriel Rossetti, 1867

¹¹ Ainda com todos esses avanços em seu curso, as qualidades fundamentais de sua personalidade nunca mudaram: ela permaneceu a bela sedutora que se juntou a homens solitários em sua agitação noturna, desfrutou de sexo com eles e gerou uma descendência de demônios, enquanto também encontrou tempo suficiente para jogar seus jogos letais com crianças, fazendo-as rir alegremente durante o sono e, em seguida, estrangulando-as impiedosamente para se apoderar e se envolver em suas almas inocentes. (Tradução minha)



Fonte: Dante Gabriel Rossetti, Public domain, via Wikimedia Commons. Disponível em <
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rossetti_lady_lilith_1867.jpg> Acesso em 27 de fevereiro de

2021

Na confluência das culturas, o deserto de Lilith, o rio da jiboia e a lagoa da velha *Katxuréu* são também as ruas das mulheres, cis e trans, deserdadas, oprimidas, excluídas. É nas encruzilhadas que a risada da Pombagira transforma a resistência em festa. A solidão do deserto, do rio e da lagoa não existe mais na encruzilhada, porque as vozes femininas, cis e trans podem encontrar eco. A Pombagira chegou ao Brasil para dançar, beber, gargalhar e festejar. Ela veio mostrar que a soberania de seu corpo a tornou rainha. Ela é a possibilidade da reescrita das condenações. Pombagira reina no terreiro, Pombagira é dona da encruzilhada.

EROTISMO E ALTERIDADE

O rito erótico se passa na atualização dos mitos eróticos encarnados em corpos presentes, atentos, ouvintes, subversivos na passividade de deixarem-se ser tocados pelas vozes dissonantes de um mundo de ambiguidades. O rito perpassa os corpos que não intentam uma homogeneização dos saberes, mas que provam diferentes temperos, ousam outros passos, corpos que cambaleiam entre os gestos extravagantes e a quietude do só respirar, corpos capazes de ouvir a algazarra carnavalesca e de compreender a mensagem do silêncio. Corpos que desafiam a interpretação rígida e maniqueísta dos discursos, corpos que escutam a ausência das palavras. O rito erótico acontece naquelas mulheres e homens cujos olhos não estão maculados pelas neuroses higienistas e estéreis de uma visão implantada para impossibilitar que enxerguemos a beleza de corpos vivos no pulsar de seus gestos. O corpo erótico é cheio de vida, de desejo de enxergar os pares naquilo que desejam revelar, ele espera o vislumbre, anseia a surpresa, não traz compartimentos etiquetados previamente para encaixotar os pares. Rejeita os binarismos centenários.

O ser erótico é o ser que se expõe, que se torna poroso para ser afetado pelo compartilhamento da experiência de outrem. Sente, com as frestas abertas na carne, as experiências que o viver de nossos pares nos provocam. Somente o ser perturbado pelo erotismo é capaz de empatia, capaz de abrir-se para a alteridade, para ouvir sem intensões de mudar o ser que lhe é estranho. Quem se abre para o erótico, pega as cabaças que lhe foram entregues com o bem e o mal, como Exu o fez, toma consciência de seus conteúdos e os mistura na cabaça da cultura. Desnaturaliza as construções impostas e se abre para ser afetada, se entrega para o rito erótico, que é a própria experiência.

As ruas são o espaço dos encontros e das diferenças. Encontro Pombagiras e Exus no sopro de vida, nas palavras, na sabedoria dos corpos e das vozes dos que compõem a rua ao transitar seus cheiros, cores, berros e sussurros: mulheres e homens da malandragem, mulheres e homens que trabalham, que se prostituem, os que se abrigam na friagem do concreto público, os que bebem a quentura de aguardente, as crianças das bolas e das pipas e também as das balas nos semáforos, os que gritam os nomes de suas mercadorias e quinquilharias, as travestis, os múltiplos gêneros, os velhos, as velhas, os ex-presidiários que não são bem vistos na cidade, os invisíveis e os que só se sentem vistos com terror, os usuários das diversas drogas que alteram os sentidos para colorir uma sobrevivência inóspita ou para anestesiá-lo um trauma. Exus e Pombagiras são ainda mais claros nos gestos e sopros daqueles tidos como loucos, as entidades são notáveis na lucidez das mentes destoantes, das quais a patologização arbitrária justifica a incapacidade

de escuta de uma sociedade que não percebe, nos olhos dos ditos loucos, o reflexo de sua própria neurose.

Ilustro minha afirmação com uma cena do documentário Cracolândia, dirigido por Edu Felistoque. Este filme propõe um diálogo entre as diferentes visões e atuações que ocorrem no território do centro da cidade de São Paulo. A proposta é, no entanto, esmagada por uma visão de que existe uma necessidade do papel autoritário do Estado e do uso do monopólio da violência para assegurar o fim do local, entendido pelos produtores como um espaço de encontro de usuários de craque, que, pelo seu uso, se tornam pessoas que perdem a consciência e a capacidade de conviver em sociedade. A produção não consegue perceber a diversidade dos corpos que transitam por essas ruas, corpos que não sentem em outros locais o acolhimento que encontram na Cracolândia. A rede de afeto, de auxílio e de escuta que existe nestas ruas é ofuscada pela visão única e pechosa de quem só enxerga a violência dos transeuntes, mas não a violência primeira de uma desigualdade aberrante de distribuição de renda, de um sistema carcerário desumano, de um racismo e de uma exclusão social estarecedoras.

Mesmo sendo repetido diversas vezes no decorrer do filme que há a necessidade de diálogo para buscar soluções para o problema da região e para os problemas dos que a frequentam, as vozes excluídas socialmente continuam excluídas do diálogo que versa sobre elas mesmas. Na cena a que me refiro, é gritante a violência da impaciência do que se propõe ouvir uma das senhoras no lugar. Nesta cena, uma mulher mais velha, sem nome para os produtores, com roupas gastas e de lenço velho na cabeça, sorri dentes não comerciais em meio a uma ação policial e responde ao interlocutor que lhe pergunta sobre o que ela pensa da Crocolândia e da ação: "Eu amo muito o planeta Terra e todo mundo que existe". A impaciência do entrevistador demonstra sua incapacidade de escutar de ouvidos e corpo aberto as palavras da sabedoria do corpo da rua. Ele insiste rispidamente em saber a opinião dela sobre o que acontece ali. Não recebe a resposta que espera. A senhora, lhe diz que: "Deus é maravilhoso. Ele sabe o que faz e eu não sei o que falo". Vejo nesta cena, no sorriso e nos olhos da senhora, em seu silêncio enquanto a câmara desfoca seu rosto, uma perspicácia exusíaca, um corpo de Pombagira.

Peço licença para transcrever o que ouço Pombagiras e Exus dizerem nesta cena: "Você não pode me compreender por sua própria limitação. Seu enclausuramento em si somente está aqui na pretensão de diagnosticar minha loucura, sem perceber a neurose que te consome escondida num corpo e modo de vida privilegiado política e esteticamente pela padronização de uma cultura higienista e pornográfica na reclusão egoísta em si mesmo. O seu diálogo não passa de uma hipocrisia tacanha e violenta em suas intenções

de dominação e patologização dos que resistem aos seus mecanismos de controle. Seu ouvido recusa a voz de uma mulher velha, deserdada de seu círculo social; seu corpo repudia um corpo com as marcas de violências para as quais você não dá olhos senão no sentido de um escaneamento estético sob o jugo de seu ego. A minha história não lhe interessa, para você ela precisa ser retirada do centro da cidade pelo bem da arquitetura do espaço que você pretende revitalizar. Tornar outra vez vivo? Que vida? Seu discurso insiste em pretensões científicas que limitam à genética, à doença e à malandragem toda uma situação complexa das várias histórias da Cracolândia. Você diz que enxerga o espaço, mas não vê como socialmente ele tem sido construído. Minha provocação te faz externalizar sua incapacidade de ser afetado. Revitalizar o centro... Eu rio da sua morte que se supõe vida! Quem pulsa sou eu, quem canta sou eu! Eu te trago a leveza onde você esperava o ódio, te trago o acolhimento onde você somente esperava a guerra. Você não suporta o amor que te apresento e o lê como loucura. Eu dissolvo a dureza, que você percebe na realidade deste espaço, na beleza da alteridade e do acolhimento dos corpos que transitam no ritmo do caos. Ressalto outros temperos que o seu paladar saturado de amargor não pode saborear. Mal percebe que o sabor acre que engole vem da própria língua adoecida”.

Enxergar como louca e com nojo uma senhora pobre nas ruas do centro de São Paulo, a população de rua, a população dos excluídos ou a própria rua, denota apenas a violência a que todos estes são submetidos:

A sujeira não é o fenômeno da coisa nua, mas sim a secreção da totalidade. O nojo das coisas é, justamente, um sinal eloquente da violência sofrida por elas. Ele caminha lado a lado com a solidão daquele sujeito que se tornou incapaz do contato epidérmico com a coisa. E apenas o olhar deformado pela mania de apropriação faz com que as coisas apareçam sob [a luz de] uma “absurdidade”. (HAN, 2020, p. 219)

Byung-Chul Han, neste trecho, se refere à relação com as ruas das cidades industriais, porém a incapacidade de contato característica do ser fechado em sua solidão individual e seu olhar apropriador sobre as coisas estende-se para relação com outros seres. Nos momentos em que nos deixamos transpassar pelo erotismo, nos abrimos para a escuta benevolente do outro. Um ser não erótico não escuta, não se afeta, é pornografizante no uso do próximo em uma relação de poder. Ao fim deste trabalho, trago um apêndice em que discorro mais sobre a morte do erotismo e como isso implica um sadismo social.

O erotismo é para além de necessário na relação com os outros, necessário para a construção de um bem viver pessoal. Ele se manifesta na entrega às vontades, no desarranjo. Ele é o ato de se sujeitar a não controlar e a não frear a força motriz do desejo, força que se sustenta nos impulsos do corpo, em seus gestos. Se matamos o erotismo na sexualidade, na união dos corpos, tão mais fácil será extinguir o erotismo das nossas ações.

Sem o erotismo não existe desejo de realizar um trabalho que nos mova para além dos cerceamentos sociais e necessidades financeiras, nos falta coragem para colocar fim em um relacionamento abusivo, falta o fogo que alimenta os inícios de ciclos. Sem erotismo não há criatividade para buscar outros caminhos no trabalho, no conhecimento e no amor. O erotismo é o que transforma a sobrevivência num gozar da vida, é o que umidifica vulvas, terra e garganta. De garganta seca só sai voz rouca, terra seca não faz germinar e mulheres secas não têm cheiro de vida. Laroye! Exu é orixá que abre os caminhos. É a energia do basta e o vigor do início!

A mulher que tem soberania sobre seu corpo dança no fogo da Pombagira, sente o prazer de se mover, de se reinventar na precariedade. Sua garganta tem voz que ressoa com parceiras de luta. Se a situação for de uma dominação imposta, o erotismo inventa e move a potência da insubordinação. A potência orgástica, conceito de Wilhelm Reich, que é a nossa capacidade de sentir e de nos entregarmos por inteiro às sensações, nos abre para a capacidade de sentirmos prazer em todos os âmbitos de nossa vida; no amor, no trabalho e no conhecimento. Quem é capaz de sentir prazer não se contenta com o que é medíocre. Conscientes do prazer que podemos experimentar deixamos de ser apenas contentes. Não nos contentaremos com o ordinário, habitual ou razoável, mas nos expandiremos em nossos desejos de tudo aquilo que podemos gozar. Vulvas úmidas precedem todo e qualquer gozo.

A dicotomia entre espiritual e político também é falsa, já que resulta de uma atenção incompleta ao nosso conhecimento erótico. Pois a ponte que os conecta é formada pelo erótico – o sensual –, aquelas expressões físicas, emocionais e psíquicas do que é mais profundo e mais forte e mais precioso dentro de cada uma de nós, sendo compartilhado: as paixões de amor, em seus significados mais profundos.

Para além do superficial, a estimada expressão “me faz sentir bem” atesta a força do erótico como um conhecimento genuíno, pois o que ela representa é a primeira e mais poderosa luz que nos guia em direção a qualquer compreensão. E a compreensão é uma serva a quem resta apenas esperar por esse conhecimento nascido das profundezas, ou esclarecê-lo. O erótico é o que estimula e vela pelo nosso mais profundo conhecimento. (LORDE, 2019, p.58)

O rito erótico somente pode acontecer na existência das fendas, na abertura para a alteridade. Ele exige uma perturbação, um choque. Gloria Anzaldúa observa que, no corpo mestiço, esse choque tem início em seu interior. Os hábitos e padrões das culturas que forjam esses corpos conflituam nas ambiguidades entre uma cultura dominante e as culturas dominadas. As possibilidades de ação e reação são inúmeras quando percebemos que o conflito cultural externo é também nossa questão interior.

Essas inúmeras possibilidades deixam *la mestiza* à deriva em mares desconhecidos. Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, ela passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou idéias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter idéias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. *La mestiza* tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. (ANZALDÚA, 2005)

Uma possível resposta para o conflito interno e externo das mulheres brasileiras, das mestiças mexicanas de quem Gloria fala e, quiçá, das mulheres latinas está na encruzilhada, que é o lugar das possibilidades das Pombagiras. É no caos da cultura, na potência da alteridade, que subvertemos a ordem desestruturando padrões dominantes e tecemos novos modos de vida. É neste espaço da assimetria que o padrão da cultura branca, dominante, adquirida e imposta com toda sua patologia e violência simbólica, pode ser descoberto, retirado da posição naturalizada que encobre a sujeição, exploração e violência sobre os corpos.

É na encruzilhada, onde a vida da rua acontece no trombar dos corpos, na ginga dos desvios e na fanfarra que desmantela o grito de ordem, que as Pombagiras reinam. A sobrevivência é potencializada em gozo de vida no cruzamento das práticas subalternas de saber. A rua, entendida como espaço do rito de encontro dos escamoteados pelo projeto de colonização dos corpos, é o território das vozes que não conseguiram abafar. O colonialismo atacou antes de tudo os corpos. Marcou-os com o pecado, cobriu-os de vergonha, sequestrou de suas terras, estuprou, torturou, domesticou, encarcerou e escravizou. Na rua, esses corpos se encontram para colorir a tentativa de um mundo higienizado, ascético e estéril que insistem em fazer perdurar. A construção dos processos identitários brasileiros se dá no entrelaçamento das culturas das experiências da diáspora negra, dos degredos e da invasão portuguesa e da resistência indígena. Para as histórias usurpadas dos destinos que almejavam, a encruzilhada traz novas possibilidades de reescrita. Na encruzilhada reivindicamos nossa autoria.

Na encruzilhada as histórias e os mitos que nos precedem se cruzam, se confrontam, se ressignificam para parir novos mitos, encarnações em releitura de nossos antepassados. Os momentos em que experienciamos a subversão da ordem, em que suspendemos as leis e os interditos morais, são os momentos em que ampliamos nosso entendimento, liberamos vozes abafadas, abrimo-nos para a alteridade, para outras formas

de viver. Depois dessas experiências podemos voltar para a ordem vigente, mas podemos também recusar a mesma. Podemos buscar construir novas formas de estar no mundo.

A tessitura dos retalhos que somos acontece a partir dos corpos, dos saberes que pulsam na dança e na incorporação das religiões afro diaspóricas (a incorporação, a mediunidade, pode ser entendida como uma abertura para a escuta do que não está visível no plano de nossos contatos imediatos), na roda indígena e no ritmo marcado pelas pisadas, na voz, no jogo das palavras e na poesia de resistência. Pessoas ancoradas em corpos potência, soberanos em seu erotismo, abrem possibilidades de prazer no existir.

Como este retorno ao corpo afeta ao mesmo tempo nossa relação com nossos pares e a relação individual consigo mesmo? Byung-Chul Han traz uma resposta a esta questão no seguinte trecho onde cita novamente Canetti:

A proibição da transformação não afeta apenas o objeto de apropriação, mas também o próprio sujeito apropriador. Já um leve tremor, que talvez anteceda a toda transformação, diminui a força do golpe do acesso apropriador. O eu também proíbe a si mesmo a transformação para se apoderar *de si mesmo*: “Ele coloca sua ambição em uma obstinação da essência. Não apenas um mês, não um ano, sua vida inteira ele permanece igual a si mesmo”. [...] A transformação do *se-tornar-outro* faz justiça à *vivacidade* da expressão. Onde toda ocasião para a transformação é impedida, a expressão se enrijece em uma máscara. (HAN, 2020, p. 346 e 347)

Portanto, quem não se permite morrer, ser afetado e transformado está preso em sua própria morbidade. Nesta hipótese de retorno ao corpo e aos seus sentidos para vivenciar a felicidade, recorro à obra do psicanalista Wilhelm Reich. No livro *A função do Orgasmo*, Reich conclui que construímos uma couraça de caráter que nos protege de experiências desagradáveis, mas também reduzem nossa capacidade de sentir prazer. A cada trauma ou inibição, construímos formas anestésiantes de lidar com os desprazeres. Essa proteção nos dá formas mais ou menos satisfatórias de lidar socialmente com as questões que nos afligem, mas ao mesmo tempo nos impede de sentir tanto a revolta, sufocada por polidez e subserviência, por exemplo, quanto o prazer, inibido pela moral e ascetismo (revolta e prazer domesticados). Nossas experiências se incutem nos corpos, fluindo ou obstruindo a circulação de energia. Um indivíduo pode ter tanto uma potência orgástica como uma impotência orgástica. A impotência não significa apenas a incapacidade de ter um orgasmo, mas também não ser capaz de descarregar toda a energia da tensão sexual acumulada até o ápice da excitação, ou seja, não ter um orgasmo em toda a sua potência. Quando essa descarga acontece por completo a energia reflui para todo o corpo, quando não, essa estase sexual se apresenta como angústia. Já a angústia, de acordo com Reich, inibe as exigências do ódio e do amor.

Porém uma sexualidade vivida em toda sua potência orgástica, na capacidade individual de se entregar sem bloqueios, é um caminho para a cura da neurose, que para Reich é a incapacidade humana de experimentar a satisfação e um problema social das massas.

Como Lilith, Reich faz um convite ao corpo. Entendo este convite como uma experiência contrária à sexualidade e ao sexo como instrumento de poder ou a um combate de forças. Também contrário à pornografia e à exposição objetificante. A pornografia separa os sentidos e os seres. A experiência erótica nos restitui a unidade do corpo, mente e espírito e deseja a fusão com o par, não o seu domínio.

Nesta proposta de retorno ao corpo, procuro um modo de experimentação das narrativas eróticas que ultrapassem o dispositivo da sexualidade revestida de poder. Procuro buscar, como provoca Foucault, um modo de performar as narrações que não reproduza o modo de saber-poder dominante. Minha resposta a este problema é que uma forma possível está na narração dos mitos eróticos. As mitologias nos convidam, nos provocam a encontrarmos os ecos da soberania dos deuses e deusas em nossos desejos. Desta forma, narrar mitos eróticos é um convite não ao corpo narrador, mas um convite que ressoa no e para o próprio corpo ouvinte. Essa vontade de tocar os corpos de outras mulheres com as histórias vem do desejo de jogar com os incômodos e de ser, ao mesmo tempo, remexida por estes incômodos. Acredito que as histórias de tradição oral sejam este campo aberto para várias compreensões e que brincar com o meu ponto de vista seja uma forma de desestabilizar discursos dominantes. Contar uma história erótica sem estar dentro do padrão do corpo feminino à disposição do desejo masculino, mas na delícia de gozar do meu próprio desejo e, assim, buscar encontrar nas mulheres esse desejo de si, são ao meu ver, formas de alimentarmos ciclicamente nosso erotismo fora do dispositivo de relações de poder da sexualidade.

Não poderia haver um movimento que não este para encarnar no corpo e na voz os mitos eróticos de heroínas que tratam do mais íntimo, do mais pessoal de cada um. Lilith, as Pombagiras, a velha Katxuréu, a jiboia e as mulheres da encruzilhada são as vozes que chamam do porão, do mais fundo do ser. Nossos porões do corpo são os lugares onde os tabus, os interditos, nos incomodam. São as formas como lidamos com as proibições e coibições, com os medos que elas fazem emergir, com os desejos que expomos e escondemos, com os desejos que nos são inculcados como a pornografia, desejos que aprendemos a ter para alimentar lucros dos exploradores dos corpos. Esses são os nossos espaços, lugares do corpo, que se comunicam com o ser soberano cujo arquétipo encontra espaço em nós.

Acredito que essa percepção do erotismo, vivenciado em forma de entrega completa que encontrei em Bataille, em Reich e na umbanda, dialogam de forma a ampliar uma compreensão dos mitos e histórias da tradição oral das deusas e entidades eróticas, ressaltando a soberania erótica da experiência sexual e do orgasmo, que não a vivência neurótica ou pornográfica vivenciada pela sociedade ocidental, mas uma vivência anticapitalista e antagônica à filosofia moral reacionária, que conduzem ao equilíbrio do ser em sua completude psicológica, corporal e espiritual.

CONCLUSÃO

[...]

*E a dançar,
a dançar,
num delicioso sacrifício,
patenteia a nudez desse teu ser puníceo
ante o sereno altar
do Deus que te domina.
Que importa a injúria hostil de quem te não compreenda?
Dança, porém, não como a Salomé da lenda,
a lírica assassina:
dança de um modo vivificador;
dança de todo nua,
mas que seja a nudez da dança tua
a imortalização do teu Amor!
(Gilka Machado. Comigo mesma)*

O erotismo é o nosso desejo de rompermos nossa solidão delimitada em um corpo sem continuidade. Ser em par ou em conjunto é romper a angústia de uma descontinuidade percebida biológica e psicologicamente. Ele é também o nosso desejo de soberania, de rompimento das leis que cerceiam nossas possibilidades de ação no mundo. É uma insurgência à condição individual e uma insurgência aos costumes de uma moral padronizante, que escamoteia as diferenças e condena os corpos que ousam ser soberanos em si.

A insurgência erótica é a experiência de morte propiciada na imagem de Lilith. A pequena morte da experiência sexual, o orgasmo, se aproxima da experiência de morte como alteridade, isto é, a passividade de um ser para ser afetado pelas experiências estranhas à sua própria individualidade. É na morte de si que nasce a capacidade de escuta e de empatia. O rito erótico extrapola a sexualidade para se fazer necessário nas relações humanas.

Assim como Lilith, Exu, no panteão yorubá, em sua potência erótica que provoca as ambiguidades e questiona uma construção social dualista, nos lembra que o rompimento de nossa descontinuidade acontece na provocação de nossa pretensa solidez. É na ausência

das conformidades, na percepção de nossas fissuras, que encontramos o espaço para sermos em conjunto. Enquanto a domesticação e docilização dos corpos, favorecidas por uma cultura dualista cristã, trazem como resultado contraditório a exclusão de corpos que denunciam a violência dessa pretensa harmonia padronizada, a filosofia yorubá traz na imagem de Exu as possibilidades da encruzilhada. Possibilidades propiciadas pela abertura à negatividade do outro e pela renúncia ao movimento de dominação.

A dominação do outro é por sua vez a própria pornografia. É uma utilização arbitrária da imagem alheia para um deleite egoísta, seja este percebido na pornografia da indústria cinematográfica ou no cotidiano uso de imagens dos corpos excluídos socialmente para a defesa de políticas higienistas e do uso do monopólio da violência estatal como meio de solucionar problemas sociais.

Os mitos eróticos conservam as imagens de insubordinação, de condenação e de resistência dos corpos femininos. Atualizam-se em nossas experiências e, quando abrimos espaço para suas provocações, reacendem em nós os ritos eróticos que nos tomam de nossa individualidade solitária. Nas terras do Novo Mundo, no encontro dos mitos ameríndios, afro-diaspóricos e europeus, as encruzilhadas exusíacas são constantemente reestabelecidas, nos proporcionando possibilidades de questionar a supremacia cultural cristã-europeia. Os mitos nos alimentam, a nós mulheres, de resistência e geram, através de sua fertilidade erótica, a criatividade e o prazer para nos recriarmos em nossa insubordinação.

Como mestiça de pele clara, durante esse mergulho na potência, no axé da palavra viva da literatura oral, encontrei nos mitos afro-diaspóricos e ameríndios o acolhimento do caos das ruas e a inspiração para resistência. Nas provocações desses mitos encontrei palavras que me contam e palavras que me permitem narrar minhas experiências, reinventar meus passos. Percebi nessas experiências não um deserto de solidão como o deserto da condenação de Lilith, mas ruas brasileiras ricas em negatidades - ruas que batucam para uma incessante dança de possibilidades de construção de alteridade - e o pulsar da libido de resistir.

Reconheço ainda em mim uma incapacidade de narrar uma experiência interior provocada por essas vozes externas que hoje me recontam. Por outro lado, percebo em meus gestos os traços marcados em mim pelas pombagiras e pelas palavras das mulheres indígenas. Estou um corpo em transformação, habitado por tantas e afaimado por encontrar nos olhos de outras mulheres espelhos que vivifiquem em mim a experiência da morte que me torna inteira ao me tornar pedaços.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica** / Alexandrian; tradução Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993
- ANZALDÚA, Gloria. **La conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza / Rumor a uma nova consciência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 704-719, setembro-dezembro/2005
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis** / Jarid Arraes. São Paulo: Pólen, 2017
- BATAILLE, Georges. **O erotismo** / Georges Bataille; tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987
- BEAUVOIR, Simone. **Deve-se Queimar Sade?** Em: *Novelas do Marquês de Sade*. Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência** / Jorge Larrosa Bondía; tradução João Wanderley Geraldi. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
- CAMPBELL, Joseph. **Deusas – Os Mistérios do Divino Feminino** / Joseph Campbell; editado por Safron Rossi; tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015
- COSTA, Oli Santos da. **A pombagira: ressignificação mítica da deusa Lilith**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiania, 2015
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva** / Silvia Federici; tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber** / tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A> Guilhon Albuquerque. 9ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo, Paz e Terra, 2019
- HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros** / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. – 1. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017
- _____. **Morte e alteridade** / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado. – 1. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2020
- HILST, Hilda. **Da poesia** / Hilda Hilst – 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- KULTOV, Barbara Black. **O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal** / Barbara Black Kultov; tradução Rubens Rusche. – 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017
- LOLI, Layla. **A história do gozo e outros canibalismos** / Layla Loli, 1. ed. São Paulo: Mocho Edições, 2019
- LORDE, Audre. **Irmã outsider** / Audre Lorde; tradução de Stephanie Borges. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

MACHADO, Gilka. **Poesia Completa** / Gilka Machado. Org. Jamyle Rkain. São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros (Selo Demônio Negro), 2017

MINDLIN, Betty. **Moqueca de Maridos: mitos eróticos indígenas** / Betty Mindlin – 1. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014

OYĚWÙMI, Oyèronké. **La invención de las mujeres. Uma perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género** / Oyèronké Oyěwùmi; tradução de Alejandro Montelongo González. Bogotá: Editorial en la frontera, 2017

PATAI, Raphael. **The Hebrew Goddess**. 3. ed. Detroit, Michigan 48201: Wayne State University Press, 1990

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo** / Wilhelm Reich; tradução de Maria da Glória Novak. 9ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo** / Wilhelm Reich; tradução de Maria da Graça M. Macedo. – 3. Ed – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2001

SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova** / tradução de Contador Borges. 3ª ed. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2003

SCHWARTZ, Howard. **Lilith's Cave**. Oxford University Press, 1988

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020

APÊNDICE I

A SOBERANIA ERÓTICA É ANTAGÔNICA AO SADISMO SOCIAL

Pompeia

*O diabo brincou com as mãos dentro do meu sexo numa
tarde de domingo
asfixiado no metro quadrado por seis jovens samambaias
com os olhos de chumbo emoldurados pela poeira do sol
gemeu arrastado e gostoso no meu ouvido
gozou
e foi ver o almoço.
(Layla Loli. A história do gozo e outros canibalismos)*

Convido as leitoras e leitores neste momento a um afastamento temporário dos mitos e das histórias até aqui apresentadas, para olharmos para os discursos acerca da sexualidade e seu uso político nos últimos anos no Brasil.

Embora a sexualidade seja um assunto frequente em toda parte, estudada científica e religiosamente e exposta na manipulação dos desejos de felicidade consumíveis, pode-se afirmar que esta é moldada em termos de um modo de vida dominante. Este modo não é de todo estável e os discursos buscam modificá-lo constantemente. Apesar das resistências, alguns padrões exercem uma força afirmada no papel da família, da religião e do Estado de modo que as práticas da sexualidade estão calcadas em costumes naturalizados até mesmo pelos que não se beneficiam deles.

Se perguntamos às crianças como se constitui uma família, recebemos frequente e automaticamente a resposta de que uma família precisa de pelo menos três pessoas para existir, um pai, uma mãe e uma criança. Mas se o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011, aponta que 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm registro paterno na certidão de nascimento¹², existe um desajuste entre a família do imaginário e a realidade de muitas crianças. No primeiro semestre de 2020, 6,31% das crianças foram registradas sem o nome do pai segundo a Associação Nacional dos Registradores Civis de Pessoas Naturais (Arpen Brasil)¹³. Se somássemos a esses dados

¹² <https://exame.com/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/#:~:text=%22%C3%89%20um%20n%C3%BAmero%20assustador%2C%20um.S%C3%A3o%20Paulo%20lideram%20o%20ranking&text=S%C3%A3o%20Paulo%20E2%80%94%20Dados%20do%20Conselho.pai%20na%20certid%C3%A3o%20de%20nascimento>. Visto em 09 de outubro de 2020

¹³ https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/09/interna_gerais,1174535/mais-de-80-mil-criancas-foram-registradas-sem-o-nome-do-pai-em-

as crianças com registro paterno, mas que não têm, ou raramente têm, contato com o pai, seria ainda mais assustador o número dos que não se consideram de fato integrantes de uma família. Mas, ainda assim, é este o conceito dominante. Excluimos ainda famílias de casais homoafetivos, famílias de crianças órfãs e tantos outros modelos possíveis. A manutenção de uma família dita tradicional não prevalece no imaginário infantil sem fins políticos de uma dominação através de uma violência simbólica¹⁴.

De forma análoga, o ideal da maternidade como anseio natural e biológico dos corpos femininos se mantém mesmo diante dos dados da Pesquisa Nacional de Aborto (PNA) de 2016 que aponta que 1 a cada 5 mulheres terá realizado ao menos um aborto ilegal até os 40 anos de idade.

Segundo a pesquisa, a mulher que aborta tem entre 18 e 39 anos, é alfabetizada, de área urbana e de todas as classes socioeconômicas, sendo que a maior parte (48%) completou o ensino fundamental e 26% tinham ensino superior. Do total, 67% já tinha filhos. A pesquisa aponta ainda que a religião professada não é impeditivo para o ato, pois 56% dos casos registrados foram praticados por católicas e 25% por protestantes ou evangélicas.¹⁵

Não há dúvidas de que apesar da enorme incoerência entre estes fatos e o resultado da eleição de 2018, essa imagem de família, mãe dedicada, filhos e pai viril, regidos pelo criador Javé, é a que predomina na sociedade brasileira. O candidato eleito presidente, muitos senadores e deputados eleitos fizeram suas campanhas com o slogan religioso cristão “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”. Este é um uso e leitura do cristianismo com fins políticos e que, embora não englobe toda a comunidade cristã brasileira, tem sido a narrativa cristã de maior força e pretensamente universal. O Brasil acima de todos não exclui de forma alguma a xenofobia contra os imigrantes vindos refugiados de guerras em

[2020.shtml#:~:text=Cart%C3%B3rios%20apontam%20que%206%2C31.v%C3%A9spera%20do%20Dia%20dos%20Pais](#). Visto em 09 de outubro de 2020.

¹⁴ Violência simbólica é um conceito de Pierre Bourdieu, trata-se de formas brandas de dominação, que não fazem uso do monopólio legítimo da violência pelo Estado, mas que, incorporadas pelos dominados geram uma estagnação da mobilidade social na distribuição de forças, inclusive no que diz respeito à força econômica. A violência simbólica opera nas grandes narrativas que justificam e naturalizam formas hierárquicas de dominação. Essa violência se dá na imposição dos dominantes de uma maneira de se compreender o mundo e seu lugar no mundo, uma imposição que supõe uma hegemonia e uma legitimidade. Dessa forma, a violência simbólica é incorporada pelos próprios dominados como uma situação inevitável, cria exclusões, autodesvalorização, autocensura. As narrativas dominantes que sustentam a violência simbólica são inculcadas através das instituições da família, da igreja e da escola, em formas arbitrárias e supostamente universalistas de se compreender o mundo e, assim, operando na linguagem, geram um mecanismo de coerção, uma vez que os dominados dispõem apenas dos instrumentos de conhecimento que têm em comum com os dominantes. (CAFÉ FILOSÓFICO: Bourdieu: cultura, capital simbólico e reprodução, com Ana Maria Almeida: Instituto CPFL, 27 de abril de 2018. Podcast. Disponível em: <https://institutocpfl.org.br/podcast/bourdieu-cultura-capital-simbolico-e-reproducao-com-ana-maria-almeida/>)

¹⁵ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/uma-em-cada-cinco-mulheres-fara-um-aborto-ate-os-40-anos-indica-pesquisa>, visto em 9 de outubro de 2020

seus países ou de uma violenta situação econômica, mas se relaciona ainda fortemente a um ideal de Brasil segundo o costume dominante da tradicional família brasileira que conserva a autoridade paterna e um disciplinamento dos corpos femininos, adolescentes e da infância. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade continua desfilando sua incoerência nos espaços públicos e nos privados das casas brasileiras.

Um apelo às famílias para que se protegessem do que os reacionários chamaram de “ideologia de gênero” foi marcante nos discursos das massas durante as eleições. Era necessário proteger as crianças de uma “conversão gay”, proteger os fetos das “feministas abortistas”, os adolescentes de uma educação comunista e das drogas. Era necessário resguardar a honra da família brasileira. Nenhum desses discursos se esfriou após a vitória da reação ao cargo da presidência. Os corpos que destoam do padrão do cis-heteropatriarcado são corpos hiper sexualizados nos discursos reacionários e vítimas das *fake news*. O que se percebe é um medo irracional, criado por uma perversidade das várias fobias que encaramos enquanto sociedade, de que uma onda gay invadisse as casas e transformasse as crianças em homossexuais. Um medo de que a possibilidade de aborto seguro levasse as mulheres a experimentarem sua sexualidade sem medo das consequências e sem a chance de serem descobertas grávidas e de que os filhos adolescentes se rebelassem contra a autoridade do pai, num caminho sem volta que seria aberto pelas drogas e pela rebeldia revolucionária comunista. Era e é necessário à reação manter os corpos da família disciplinados.

Mentiras descabidas como uma defesa homossexual da pedofilia, infanticídio indígena em massa, plantações de maconha nas universidades públicas, kit gay para as crianças da primeira infância e uma esquerda que se baseia em políticas educacionais da Noruega que ensinam os pais a masturbarem as crianças, são algumas das publicações e alguns dos discursos de defensores e membros da reação política. Embora o conteúdo absurdo dessas notícias pareça ser capaz de desmenti-las logo após serem proferidas, elas mantêm um medo relacionado à gestão da sexualidade da família. É essencial para a reação política alimentar continuamente este medo porque os corpos disciplinados no seio da família são corpos submissos à autoridade do Estado. Ainda que a família de que se fala não corresponda à família da propaganda política.

O que se coloca em questão é por qual motivo uma população que não se beneficia de uma política reacionária a defenda. Por que muitas mulheres que recorreram ao aborto, ou que têm em sua família e grupos de amigas aquelas que precisaram do procedimento, ajudaram a eleger um governo que tem como pauta dificultar ainda mais o acesso legal à

interrupção da gravidez, condenando milhões de mulheres aos riscos de um aborto clandestino e à punição legislativa?

O disciplinamento dos corpos desde a infância e a arbitrariedade na formação sexual, fundados num medo e culpa religiosos, são chaves para uma percepção do resultado da eleição que empossou candidatos defensores de um ideal de família que não é uníssono na sociedade brasileira e da criminalização do aborto que não é coerente com a margem de 20% de brasileiras que recorrem / recorrerão ao procedimento.

Pouco importa que as *fake news* que hiper sexualizam feministas e a comunidade LGBTQIA+ sejam absurdas e claramente falsas. Pouco também importa que as declarações racistas e as propostas defendidas para as questões da violência e da criminalidade sejam essencialmente sádicas. O fato é que o medo está devidamente alimentado e qualquer política educacional ou de saúde pública que envolva o tema da sexualidade é ofuscada numa moral machista, homofóbica e autoritária. É necessário para a população defender uma honra, ainda que ela seja uma fachada. Defender uma família, mesmo omitindo as e os amantes. Defender a inocência das crianças, mesmo que os dados da exploração do trabalho infantil e de abusos de violência física e sexual das crianças nos comprovem que a inocência há muito já lhes foi arrancada. Não foi apenas um discurso obtuso sobre o combate à corrupção que venceu as eleições. Os discursos relativos à sexualidade alimentaram o medo da desonra, o que garantiu a vitória da reação.

Wilhelm Reich, em sua obra *Psicologia de massas do fascismo*, sustenta que são os desejos sexuais que encorajam todo tipo de contato com o mundo e em todas as suas formas. Quando esses contatos são reprimidos, os indivíduos encerram-se no núcleo familiar e na própria consciência individual (REICH, 2001, p.51). A onda reacionária brasileira revela que uma consciência fechada em si, amortecida em suas incompatibilidades, é o que aferrolha o indivíduo em uma inconsistente defesa da honra, eliminando as formas de empatia, compreensão e vínculo com seus pares. É desta maneira que a repressão sexual cumpre um papel político essencial para os reacionários e é, por esta razão, que a propaganda política da reação é realizada em alarmantes avisos dos perigos de uma suposta e megalomaniaca libertinagem sexual comunista.

Analisando a ascensão do nacional-socialismo e seu amplo espaço conquistado no seio da juventude e das mulheres, que claramente também tinham interesses dissonantes da moral nazista, Reich defende que uma revolução de natureza econômica não é possível sem uma revolução e um esclarecimento de uma política sexual. As incoerências da propaganda econômica de Hitler que, ora flertava com os industriais, ora com o proletariado, não seriam suficientes ao partido nacional-socialista se não agissem em conjunto com uma

propaganda que enaltecia a família numerosa alemã, o lugar maternal das mulheres e uma educação rígida e disciplinada das crianças e adolescentes. O corpo judeu foi também hipersexualizado para a justificativa do ódio antissemita (circulavam textos que associavam os judeus à assédios e estupros¹⁶) e os bolcheviques seriam a grande ameaça à família em sua conduta de libertinagem e exploração sexual das mulheres. As *fake news* nazistas amedrontavam a sexualidade alemã às vésperas do Terceiro Reich.

Não se compreendeu que o fascismo é, ideologicamente, a resistência de uma sociedade sexual e economicamente agonizante às tendências dolorosas, mas decididas do pensamento revolucionário, para a liberdade tanto sexual, quanto econômica: libertação esta que, só de a imaginar, provoca um medo enorme no homem reacionário. Quer dizer: ao processo de libertação econômica dos trabalhadores está inevitavelmente associada uma dissolução das velhas instituições (especialmente daquelas que governam a política sexual), para a qual o homem reacionário, e mesmo o trabalhador industrial, desde que a sua maneira de sentir seja reacionária, não está preparado. Especialmente o medo da “liberdade sexual”, que nas concepções do pensamento reacionário se confunde com o caos sexual e a dissipação, tem um efeito inibidor em relação ao desejo de libertação do jugo da exploração econômica. (REICH, 2001, p. 54 e 55)

De acordo com a teoria da Psicologia de Massas de Wilhelm Reich, um desenvolvimento saudável da sexualidade ocorre quando não há inibições arbitrárias à autonomia das crianças no descobrir-se pela masturbação (por si mesmas, é claro que a masturbação de uma criança por um adulto é um abuso e não uma descoberta autônoma e soberana), nem uma inibição dos adolescentes relativa à masturbação e nem a compulsoriedade da virgindade e do casamento. Todos estes processos dirigem as mulheres e os homens à uma sociedade neurótica, em constante guerra contra os próprios desejos e contra a sua constituição biológica. Nos constroem como uma sociedade que se desenvolve machista, pornográfica e sádica.

Com base no trabalho de Malinowski, que analisou o comportamento sexual das crianças e adultos das ilhas de Trobriand (em *The Sexual Life of Savages*, de 1929), no livro *A Função do Orgasmo*, Reich chega à conclusão de que a obrigação de uma vida ascética, que era imposta apenas a algumas crianças que tinham casamentos arranjados e por isso imposições no desenvolvimento da vida sexual semelhantes às imposições que temos no ocidente, tinha a função de tornar essas crianças subservientes. Ele diz que:

A supressão sexual torna-se um instrumento essencial da escravização econômica. [...] A sua função é assentar o fundamento para uma cultura patriarcal e autoritária e para a escravidão econômica [...] Empregando a energia da sexualidade suprimida, o período intermediário da sociedade

¹⁶ Ver Reich, 2001

patriarcal autoritária dos últimos quatro ou seis mil anos produziu a sexualidade secundária, perversa e distorcida do homem moderno.

Compreendo aqui a figura patriarcal como o pai freudiano, e acho importante ressaltar que fora da concepção eurocêntrica da autoridade patriarcal sobre os corpos da família, as relações não se mostram essencialmente as mesmas. Os corpos forjados para a produção e consumo, suprimindo um trabalho que seja para a sobrevivência e bem estar, são os corpos aos quais é negado o prazer do trabalho, do conhecimento e do amor. Neste contexto da figura do pai autoritário, como instrumento arbitrário de uma política de controle dos corpos para fins econômicos, é que trato do termo patriarcado. Se o pensamento de Reich está correto, então o mal, a propensão à destruição e ao sadismo perverso que encontramos nas políticas autoritárias não é inerente ao homem, não é de natureza biológica ou parte essencial da psicologia humana, mas criação e resultado do nosso próprio sistema econômico e social.

Uma educação cristã que tem como fundamentos a autoridade paterna, a virgindade compulsória até o casamento e a imagem maternal e pura da mulher, é primordial neste processo que se desenrola independentemente da consciência dos dirigentes sobre seu papel econômico. A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, cumpre um amplo papel na inculcação de valores cristãos na sociedade brasileira, não somente sobre os membros da denominação, mas seu alcance vai bem além através da Rede Record. Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, apresenta junto de seu esposo e também bispo, Renato Cardoso, o programa Escola do Amor. Neste programa da emissora Record que também pode ser acessado pelo canal Escola do Amor no YouTube, os espectadores chamados de alunas e alunos fazem perguntas ao casal sobre a sexualidade e problemas de relacionamentos.

O casal alega se basear em estudos de diversas universidades e se preocupa sempre em dar um tom científico à todas as respostas e conselhos. Renato é educador familiar e matrimonial, certificado pelo National Marriage Centers de Nova York, escola ou instituição que não mostra nenhuma página ou resultado em pesquisas pelo Google. No geral, o casal não se coloca contra o fim de relacionamentos abusivos, incentivando inclusive que esposas que se sentem coagidas e maltratadas por seus maridos procurem pelo divórcio. Se posicionam, entretanto, contra o sexo anal e a homoafetividade, mantendo a aparência científica da interdição como no trecho do texto de orientações para a prática sexual dos fiéis: “O ato é contra a Palavra de Deus e, de acordo com a medicina, doenças venéreas surgem em decorrência dele. A anatomia da mulher não foi feita para isso”¹⁷. É

¹⁷ <https://folhagospel.com/igreja-universal-publica-orientacoes-para-as-praticas-sexuais-dos-fieis/>
Visto em 11 de outubro de 2020

claro que a base científica desta e de outras afirmações é totalmente questionável, preconceituosa e débil frente à outras pesquisas científicas. O casal também dá o nome de algumas universidades sem acrescentar a isso mais nenhum dado das pesquisas que apresentam para solidificar seus conselhos, não é mencionado nem o nome de pesquisadores, nem datas das pesquisas, somente curtas frases que ratificam suas opiniões. Não acho necessário me prolongar neste ponto. Mas entre tantos passos progressistas e reacionários quanto à sexualidade santa, pregada nestas igrejas cristãs, o que, para este trabalho, é interessante sublinhar são estes pontos principais da opinião do casal: defesa da cis-heteronormatividade, a virgindade compulsória até o casamento e a resistência à masturbação que é vista como prática que leva ao vício, à incapacidade de gozar junto do cônjuge e à pornografia. A ideia de pecado perde espaço para as pesquisas, portanto Escola do Amor, que vinculam ao vício e à pornografia os problemas que afetam os casamentos dos fiéis.

Disse anteriormente que a pornografia assassina o erótico. Não há dúvidas de que o pornográfico com sua relação de poder em atos que subjuguem grupos específicos da sociedade, com sua super exposição dos corpos e com seu roteiro que elimina a descoberta e a relação afetiva com o par, é de fato um problema que torna miserável muitos relacionamentos. O que coloco em dúvida no posicionamento da Universal, é a afirmação de que a masturbação é um caminho para a pornografia e que a superação do desejo de dar prazer a si próprio e a não satisfação sexual até os votos do casamento, em toda a pureza que exemplificam, conduzem à uma sexualidade saudável e à felicidade.

Contrariamente, é a arbitrariedade do disciplinamento dos corpos sob os tabus da masturbação e da felicidade do orgasmo exigida biologicamente por nossos corpos, que, ao romper nossa relação natural com o erótico, conduz à pornografia. A pornografia se torna um escape de fácil acesso e de solução rápida para o contato com o proibido. A pessoa que tem o desenvolvimento sexual inibido desde a infância, tem despojada de si a capacidade de fantasiar autonomamente, de sentir descobrindo-se por si mesma, de perceber-se um corpo naturalmente sensível, soberano e prazeroso. Na incapacidade de deixar-se natural e sensivelmente levar-se pela experiência erótica, quando o corpo e a mente não suportam mais a privação, o caminho mais próximo para a descarga de energia sexual é a pornografia, que está disponível em poucos cliques no conteúdo aberto da indústria pornô, ou em outras mídias, como o cinema e a literatura, que embora, no geral, não sejam o escracho da pornografia, apenas romantizam relacionamentos abusivos em sua relação de poder e hábitos higienistas e machistas que tornam o corpo feminino essencialmente pornográfico. Ou seja, ricocheteamos entre uma moral ascética cristã, a pornografia em escracho e a pornografia disfarçada de erotismo, que procura ocupar este lugar por tratar de

formas brandas do próprio conteúdo pornográfico, mas que em seu íntimo apenas reafirma formas estabelecidas de dominação, sem espaço para atravessamento por diferentes narrativas. Entre a moral cristã e a pornografia, o caminho para a soberania feminina de seus corpos se torna um emaranhado de tentativas e frustrações. A soberania do erótico e a soberania do corpo são as experiências que nos tornam conscientes da perversidade da pornografia. São a liberdade de corpos e da imaginação erótica descolonizados das imposições cristãs e europeias.

Os entraves religiosos para a disciplina de Educação Sexual nas escolas são também um problema de graves consequências para a educação e a proteção da infância. Além de limitar o tema da sexualidade para um espaço homogêneo como a igreja, e quando não homogêneo regido por uma autoridade, a falta de uma educação sexual enquanto disciplina em espaços heterogêneos serve muito mais à uma lógica de culpabilização das vítimas que à uma suposta proteção da inocência. É necessário um esclarecimento acerca da sexualidade, do corpo e do que é um abuso sexual. É essencial que se construa nas escolas espaços de acolhimento e amparo às crianças, que se trabalhe formas de desatar amarras de culpabilidade e de violência psicológica.

Além destes pontos, outro problema social vinculado à inibição do erotismo e do desenvolvimento natural da sexualidade é o sadismo. A própria necessidade irracional de um líder autoritário, que venha impor a disciplina e a honra à nação, é um indício da incapacidade de um povo de gerir a própria liberdade e de agir racionalmente em favor de uma mudança econômica necessária para a garantia da dignidade e das vidas da sociedade. Em suas análises clínicas, Reich percebe uma relação profunda de seus pacientes sádicos com as inibições sexuais¹⁸, o que constatou também na observação da psicologia das massas do fascismo alemão:

O sadismo tem origem no desejo sexual não satisfeito. A fachada tem por nome “camaradagem”, “honra”, “disciplina voluntária”, mas atrás desta fachada escondem-se uma revolta secreta, um sentimento de opressão que chega ao ponto de rebelião por causa dos entraves a qualquer expressão de vida pessoal e, em especial, da sexualidade. (REICH, 2001, p. 180)¹⁹

Para a ilustrar essa afirmação, basta observarmos os pronunciamentos horrendos de notórias influências da sociedade brasileira. Se colocarmos algumas frases de membros de nossa sociedade juntas às do celerado Dolmancé, personagem da obra *Filosofia na Alcova*

¹⁸ Ver Reich 2001 e 2012

¹⁹ Da mesma forma que o sadismo, Reich considera a homossexualidade um impulso secundário causado pela repressão da sexualidade. Me distancio de sua conclusão neste ponto, porque não vejo sentido na patologização do que não causa sofrimento nem traz em si dificuldades para realização da felicidade e bem viver de uma pessoa. O impulso secundário que produz a infelicidade no ser que o pratica e traz sofrimento aos que o sofrem é a homofobia.

de Marquês de Sade, que cunhou o termo sadismo, teremos, com certeza, muita dificuldade para afirmarmos de quem essas frases vieram.

Deixo alguns poucos exemplos, porque apesar de ser possível trazer páginas dessas relações, não gostaria de trazer tanta indigestão. Eugénie, a jovem enviada pelo pai devasso para aprender a libertinagem com a senhora de Saint-Ange, embora inebriada pelo sadismo de seus preceptores se lembra de alguns ensinamentos da mãe e questiona Dolmancé sobre a caridade. As virtudes, para ela, não poderiam ser de todo descartadas. Dolmancé, em resposta, se mostra insensível à beleza da boa ação:

Não pense, Eugénie, que tal boa ação tenha tão bons efeitos quanto se imagina. Eu mesmo só consigo vê-la como o maior de todos os embustes. Ela acaba acostumando o pobre a uma ajuda que deteriora sua energia, ele não trabalha mais quando espera pela caridade. E quando esta lhe falta, torna-se ladrão ou assassino. Quereis ficar livre de moscas em vosso quarto? Não derrubeis açúcar para atraí-las! (SADE, 1999, p.44)

A história é do século XVIII, mas imaginem quanto a artista plástica Bia Dória, esposa do atual governador de São Paulo, João Dória, teria acrescentado à educação da menina Eugénie: *“Não é correto você chegar lá na rua e dar marmita e dar... porque a pessoa tem que se conscientizar de que ela tem que sair da rua. A rua hoje é um atrativo, a pessoa gosta de ficar na rua [...] a pessoa quer receber, ela quer comida, ela quer roupa, ela quer uma ajuda e não quer ter responsabilidade”*.²⁰

A filosofia sadiana justifica o sadismo como natural na percepção de que a natureza é em si destruidora e incontrolável. Portanto, ela não se oporia ao desejo de destruição que ela mesmo excita: A propagação (das espécies) não passa de uma tolerância de sua parte. A porra que não fecunda, as guerras, a peste, a fome, o assassinato seriam apenas acidentes necessários às leis da natureza. (SADE, 1999, p.59)

Podemos nos retirar da privacidade do *boudoir*, onde Eugénie era educada, para admirar a excelência da educação de Ricardo Salles. Educação esta que mostra seus frutos não na privacidade do castelo, mas na privacidade de uma reunião ministerial que ocorreu quando o Brasil somava três mil mortos e quarenta e cinco mil casos de infectados pela covid-19. “Precisa ter um esforço nosso aqui, enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só se fala de covid, e ir passando a boiada, e mudando todo o regimento (ambiental), e simplificando normas”²¹

Na boiada de Salles tem o boi da regularização de propriedades rurais em terras indígenas que permite a invasão, a exploração e comercialização de terras não

²⁰ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/03/bia-doria-diz-que-e-errado-dar-comida-a-moradores-de-rua-e-um-atrativo.htm> Visto em 20 de janeiro de 2021

²¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652> Visto em 20 de janeiro de 2021

homologadas. Tem boi que autoriza a diminuição da distância entre áreas povoadas e áreas de pulverização de agrotóxico, o que já contaminou moradores de comunidades rurais, indígenas e quilombolas. Tem o boi que pretende anistiar desmatadores, tem o boi que pretende legalizar a grilagem. Tem também o boi que demite o diretor de proteção ambiental do Ibama e quem mais exercer seu cargo, por exemplo, em ações contra garimpeiros em terras indígenas. E como toda morte acompanha uma vida, não para de nascer boi.

O que há de mais sujo, de mais infame e de maior potência devastadora é o que melhor excita a cabeça dos libertinos de Sade. E Salles se excita em contribuir para a destruição quando a natureza sombreia o mundo com uma nova peste.

Em determinado momento da educação de Eugénie, a senhora de Saint-Ange afirma que “Dirigindo o gládio das leis, o celerado serviu-se dele frequentemente para satisfazer suas paixões” (SADE, 1999, p. 67). Essa frase traz à memória a máxima reacionária “direitos humanos para humanos direitos” que é usada para ratificar a tortura, o uso autoritário do monopólio da violência pelo Estado e para convocar de volta as atrocidades da ditadura militar. A imaginação de Sade, em todo horror que conseguiu expor, não chegou tão longe quanto a imaginação do torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, homenageado pelo atual presidente Jair Messias Bolsonaro e que, segundo o atual vice-presidente, Hamilton Mourão: “Ustra era homem de honra que respeitava os direitos humanos dos seus subordinados”²². Vale lembrar apenas que as torturas de Ustra tinham um sentido sexual explícito nos estupros e em todo seu sadismo, não tinham um sentido sexual velado como os exemplos de Bia Dória e Ricardo Salles.

As comparações poderiam ficar muito extensas e com um conteúdo muito mais abjeto, mas esses três exemplos são suficientes para afirmar que o sadismo revela toda uma sexualidade perversa da reação política. Das *fake news* relativas à sexualidade, impulsionadas ainda mais durante a corrida presidencial, ao discurso sádico-sexual das autoridades, é claro que o erotismo não é eliminado nos reacionários sem uma grave consequência; ele é adoecido e revelado como um impulso secundário: o sadismo. A obsessão sexual dos reacionários demonstra que a sexualidade não é assunto privado. Eles próprios externalizam continuamente uma sexualidade neurótica e patológica construída na tentativa de supressão do erotismo. Uma das grandes contribuições de Sade foi ter construído suas personagens conscientes da própria revolta contra a educação ascética que tiveram. No *boudoir* de Sade, o sadismo é esmiuçado e filosofado. É percebido como uma reação às imposições que os celerados rechaçam. No pensamento reacionário brasileiro

²² <https://oglobo.globo.com/brasil/ustra-era-homem-de-honra-que-respeitava-os-direitos-humanos-dos-seus-subordinados-diz-mourao-1-24684923> Visto em 20 de janeiro de 2021

essa relação não se escancara, pelo contrário, se retroalimenta incansavelmente na defesa da vida ascética familiar.

A luta cristã contra a carne e os desejos do corpo é absorvida e conservada mesmo que não seja imposta com violência física. Isso não significa que esta não aconteça. Acontece com frequência sobretudo durante a infância e contra adolescentes do sexo feminino. Mas além dessa forma explícita da violência contra corpos soberanos em seu erotismo, existe a concepção do castigo divino, que desde a infância alimenta o medo da onipresença do deus judaico-cristão e alicerça uma noção de necessidade de luta contra os prazeres do corpo. Aos olhos incansáveis de deus, a sociedade, principalmente as mulheres que têm como exemplo a Virgem Maria, deve se manter pura, imaculada. Entretanto, a imaculada inocência das mulheres e das crianças mais se confunde com a desinformação e a domesticação que sustentou os 120 mil casos registrados e somados de estupros nos anos de 2017 e 2018. Apenas os registrados.

É preciso conhecer a gravidade do problema. A cada 100 estupros no Brasil, 63,8 são cometidos contra vulneráveis, que inclui em sua maioria crianças de até 14 anos, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019. A situação de pedofilia atingiu um patamar horripilante: mais que a metade das mulheres vítimas de estupro têm menos de 13 anos, idade com maior número de casos, enquanto entre os meninos a idade mais comum é ainda menor, aos 7 anos.

É preciso denunciar a realidade. Quase todos – 96,3% – dos estupradores são homens fazendo sobretudo crianças e mulheres de vítimas. Mas como outorgar à vítima a responsabilidade pela denúncia, de 3 a cada 4 estupradores são pessoas conhecidas das vítimas, geralmente um familiar ou vizinho?²³

Volto a sustentar que um conhecimento justo, honesto e soberano da sexualidade, como o que se pode alcançar através de uma educação sexual nas escolas, e a liberdade para se viver naturalmente as experiências eróticas que a nós se apresentam ao longo da vida, são essenciais para o combate à violência sexual da infância e para a autonomia dos corpos femininos.

Nas literaturas de tradição oral das Pombagiras, nos mitos eróticos ameríndios e nas mitologias que nos contam de Lilith, entrecruzamos caminhos que nos restituem as experiências da potência orgástica²⁴. Experiências que nos convidam ao rito erótico. O erótico é o que nos chama para ressignificar os tabus relativos à morte e à reprodução que nos adoecem. Ninguém poderia, frente a frente com uma Pombagira, ofendê-la apontando um descontrole, nem pornografizá-la como objeto. Um corpo livre jamais se curva a uma

²³ <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/surpreendente-cartografia-dos-estupros-no-brasil/> Visto em 11 de outubro de 2020

²⁴ Potência orgástica é a capacidade "de entrega total à convulsão voluntária do organismo e de descarga completa da excitação no auge do abraço genital" (Reich, 2001)

moral que não se sustenta, mas que se revela falha quando expõe sua fixação sádica pelo sexo.

Para as mulheres, enxergar uma Pombagira, enxergar Lilith, é ser provocada na experiência do cruzar de olhos com as semelhantes. É materializar a encruzilhada exusíaca e encontrar caminhos possíveis para a afirmação de um corpo livre. As mitologias e histórias de tradição oral europeias de Lilith nos lembram que nossa ancestralidade (ainda que seja apenas uma ancestralidade cultural dominante) também viveu essa extirpação da soberania do corpo feminino. A tradição oral yorubá e os contos indígenas nos fortalecem nas histórias de corpos femininos conscientes de sua autonomia e constroem, assim, no Brasil uma resistência à colonização. É necessário também reverberar outras vozes do cristianismo, roucas e fracas em meio a uma gritaria que tem sede de uma justiça que devolva a violência e sede de um moralismo machista e asceta que corroboram o lugar privilegiado do homem cisgênero, hétero e branco. Existem ainda no cristianismo vozes benevolentes, vozes que se silenciam para entregar a escuta. Vozes que partem da compreensão de que Deus (Javé) acima de todos não condiz nem mesmo com o nome de seu filho profetizado por Isaías: Emanuel, Deus conosco. O deus que está no meio de nós, em atravessamento com a humanidade.

É no compartilhamento das experiências femininas de um erotismo brasileiro; no encontro das mitologias afro diaspóricas, das mitologias indígenas e das subjugadas mitologias pagãs europeias, que criamos as possibilidades de construir e fortalecer um erotismo descolonizado. Fortalecemos um corpo que ri de prazer como as Pombagiras, que desafia a expressão de dor e de culpa do corpo pornografizado. Um corpo não castigado pelo desejo, que na encruzilhada de olhos femininos, acende, dentro de cada uma, faíscas de Pombagiras, coragem de indígena e subversão de Liliths.

APÊNDICE II

DO RITO DA APRESENTAÇÃO

Tive o privilégio de apresentar este trabalho à Cristiane Ceschi, à Angela Papianni e a tantos amigos e amigas, com a presença de um dos orientadores do meu percurso, Giuliano Tierno. Um rito erótico que se fez possível mesmo no distanciamento exigido pela pandemia. Uma encruzilhada de trocas, de palavras vivas, palavras com a potência de quebrar pra tornar quem as ouve, em sua abertura, mais inteira. E saí mais inteira desta experiência, na certeza de hoje carregar em mim mais dos outros e das outras, tornados ideias tão pulsantes de vida, que em mim se fazem carne. Mais inteira sou por ser e carregar em mim pedaços de Cris, de Angela, de Giu, de minha mãe Maria e de tantos amigos e amigas que se abriram para receber e ofertar.

Tive o prazer de receber tantas palavras num espaço de afeto e acolhimento, sabendo que nem todos os ritos garantem este caminho. Como trouxe Cris, vivemos numa realidade onde corpos tão castigados parecem estar fadados à violência.

Uma banalização do mal e das violências, que em sua perpetuação cíclica, muitas vezes nos desola, retira de nós a crença em possibilidades de viver em soberania e em direção de soluções conjuntas para as questões que enfrentamos enquanto sociedade vinda de uma violenta colonização.

Cris trouxe a imagem da Górgona, o monstro nascido de uma violência; Medusa de corpo deformado, castigado. Seus olhos trazem a morte, a petrificação e encarará-la, então, é atravessar a morte através daquela que é a extrema alteridade, que é completamente a outra. Tantas vezes somos Medusa nas violências que sofremos e em nossos olhares petrificantes. Olhar a máscara da Górgona é encarmos a noite de nossos próprios rostos. Após a morte, porém, surge o que é inesperado, nas belíssimas palavras de Cris: a conciliação de opostos. Aquilo que é completamente outro, aquilo que é violência, o que nos parece inconciliável se prova o contrário.

Quando Perseu, nos versos de Ovídio, para lavar as mãos, deixa a cabeça de Medusa sobre um ninho de folhas, para que a areia áspera não a melindre, ele traz a leveza para aquilo que era monstruoso. Do encontro do sangue com o mar, nasce um recife de corais. A beleza que adorna as ninfas. Carregar a cabeça de Medusa nos possibilita reconciliar as sombras, parir leveza e beleza. Do sangue de Medusa também nasce o

cavalo alado Pégasus: a fonte inesgotável. Termos em nós os corais, termos Pégasus, é sermos fonte de conciliações. A conciliação das trevas antes em nós, oferece aos nossos pares possibilidades de libertação dos Pégasus em cada um que nos toca e também de renovar nossas próprias libertações.

Angela, na sua experiência tão mergulhada nas culturas indígenas trouxe a imagem dos rituais dos povos verdadeiros. Em sua fala vi os pés anciãos, corpos irrigados de erotismo, baterem no solo, levantarem o pé no tremor que chamam da terra para percorrer o corpo, retirando dela a energia que vibra os músculos e peles coloridas. Vi os conflitos de um povo sem hierarquia de gênero invocarem os opostos e nos ritos, nas cerimônias, encontrarem resoluções pacificadoras.

Isso vivifica em mim a certeza de nos mitos encontrarmos fontes inesgotáveis de possibilidades de reinventarmos o mundo.

No fim da apresentação, Giuliano trouxe um trecho que destacou de *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche, e que tomo a liberdade de reescrever direto de sua fala: “Hoje em dia, quando tudo vacila, quando a terra toda treme, vós, porém, quando vejo vossos olhos neste momento, parece-me quase que procurais mais insegurança, mais calafrios, mais perigos, mais tremor da terra. Quer-me quase parecer que desejais a vida mais perigosa, aquela que a mim me assusta. A vida dos animais selvagens, que desejais florestas, cavernas, alcantilados montes e labirínticos abismos.”

Que potência de auxiliador, Giuliano Tierno! A cada provocação, você me trouxe amuletos para minha jornada e por isso, sou imensamente grata!

E te respondo: SIM! Procuo essa queda em labirinto. Colocar-me em risco de perder qualquer presunção de essência para ser tantas pessoas. Perder-me de mim e por isso encontrar-me mais inteira a cada queda. Acredito que encontrar o outro como experiência é criar alargamentos de diálogos, abismos. Colocar-me em jogo e procurar as palavras que não findem o jogo, mas que me mantenham na perturbação que é encará-lo. Pois somente em jogo em curso encontramos as possibilidades de estarmos sempre em transformação e somente assim podemos construir novas possibilidades em conjunto de estarmos no mundo. Na queda podemos nos espatifar, nos machucar, porque a queda é sempre risco. Mas também podemos encontrar um sem fim e dessa viagem sempre nos lembraremos. E pelas viagens que me transformaram, insisto, teimo em retornar ao jogo. E quando perco e me encontro outra vez recolhida em mim, conheço um pouco mais do caminho de me colocar em jogo novamente.

Quero ouvir dos outros aquilo que não existe nas palavras da razão ocidental, o inaudível e os desvios das linguagens. Não procuro exatamente um fim, porque o destino pertence às Moiras. A mim me pertence o tempo presente, aquele que vivo agora, e neste tempo eu expando aquilo que estou. Num tempo de morte, de genocídios e de pandemia, teimo em ser vida que se renova em cada morte experimentada.

No livro *Deusas – Os mistérios do divino feminino*, Joseph Campbell destaca que:

Assim se lê em Sêneca: “[...] As Moiras guiam aqueles que o permitem e arrastam os que não permitem”. “A orientação do destino é benigna, é a orientação oferecida pela natureza. No entanto, nossa mente pode nos colocar em conflito com a nossa natureza – e a Deusa é quem representa a natureza. (CAMPBELL, 2015, p. 274)

Então, teimo em ser vida aberta em fissuras para provar o gosto da vida de outras pessoas, de outros seres, de palavras de quem já se foi. Teimo em ouvir gente, planta, água, pedra e cheiros. Teimo em ser vida que não será apropriada por palavras de otimização de tempo e dinheiro, palavras de conquista, ou do controle da mente, ou do que quer que seja que desejam apropriar e colonizar. Eu sou a vida que quer ser junto, morrendo um pouco de mim a cada dia, para renascer numa expansão de ser todas as coisas.

Eu sinto as mãos das Moiras e recebo a orientação de ser guiada pela natureza. O silêncio do cedro me traz nas notas olfativas a sabedoria de Átropos, silenciosa a cada corte da tesoura. Um mergulho na minha incapacidade de controlar, na escuridão do não saber de quem veio antes de mim, mas na certeza de que trago minhas anciãs a cada volta de meu fio na roda das deusas. O gerânio promove meu encontro com Láquesis para movimentar as águas de mágoas paradas em mim. Abre os espaços que doem, mas para me tirar do enclausuramento em mim e continuar teimando em desaguar no mundo e receber suas águas, me traz o acalanto para ser vida no emaranhado de dor que construímos. A sálvia esclarea me leva a Cloto, traz a leveza da vida que se renova a cada riso desprezioso de criança e me lembra que meu fio percorrerá a roda da fortuna e eu posso subir à superfície, encontrar a leveza mesmo no peso do caos.

Eu confio nas Moiras porque minha fé está em seguir com o fio da vida sentindo a felicidade nos encontros que me descontroem e me tornam parte de um todo. E quando meu fio for partido, já terei desaguado em tantos seres que minha existência, que já não é minha pois é fissurada e preenchida por tantas existências, permanecerá na continuidade de quem me acolheu.